



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUANA KREMER

MEIN KIND ZEIT:

**MEMÓRIAS DA ESCOLA PRIMÁRIA DE ANTÔNIO CARLOS,
SANTA CATARINA (1937-1945)**

FLORIANÓPOLIS

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUANA KREMER

MEIN KIND ZEIT:

**MEMÓRIAS DA ESCOLA PRIMÁRIA DE ANTÔNIO CARLOS,
SANTA CATARINA (1937-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia. Orientação: Prof. Dr. Ademir Valdir dos Santos.

FLORIANÓPOLIS

2014

Luana Kremer

Mein Kind Zeit: memórias da escola primária de Antônio Carlos, Santa Catarina (1937-1945)

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, ____ de novembro 2014.

Prof.^a. Dra. Clarícia Otto
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Ademir Valdir dos Santos
EED/CED-UFSC

Membro Titular: Prof.^a. Dra. Clarícia Otto
MEN/CED-UFSC

Membro titular: Prof.^a. Maria Benedita de Paula e Silva Polomanei
Universidade do Contestado

Membro suplente: Alcione Nawroski
Mestre e Doutoranda do PPGE-UFSC

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

(Charles Chaplin)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me iluminar e abençoar minha trajetória.

Ao meu pai Afonso, e minha mãe Laura, pelo apoio e por tudo que sempre fizeram por mim. Pela simplicidade, exemplo, ensinamentos, amizade, e carinho, fundamentais na construção do meu caráter.

Agradeço a toda minha família, principalmente minhas irmãs e meus sobrinhos, por estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins de minha vida, sempre me apoiando e me incentivando.

Ao meu companheiro, amigo e amor, Bruno, pela paciência, e por sempre me dar conselhos, força, coragem e incentivo.

Ao meu avô Aloísio Kremer (*in memoriam*), que com suas falas sobre o passado, plantou em mim o desejo de preservar nossa história, para que a mesma não caia no esquecimento.

A todos os professores que passaram por minha trajetória escolar e acadêmica, sem eles não estaria onde estou hoje, obrigado pelo apoio e conhecimento transmitido. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Ademir Valdir dos Santos, que foi de suma importância para a realização desse estudo.

Ao Senhor Leonídio Zimmermann, Senhor Bartolomeu Mannes e Senhora Frida Pauli Mannes pelas preciosas histórias orais que me ajudaram a compreender uma parte da história local de Antônio Carlos. E registrá-las para futuras gerações.

A todos os meus amigos que passaram pela minha vida e que continuam presentes em meu coração. Às amigas que construí durante a academia, Ana Paula, Daiane e Daniela. Em especial a minha amiga que deu muito apoio e compreensão em todos os momentos da graduação, Winnie. Obrigado por tudo.

Agradeço a mim mesma por não desistir diante das dificuldades e conseguir conquistar metas e objetivos na minha carreira profissional.

Enfim, a todos que de alguma forma ajudaram, agradeço por acreditarem no meu potencial, nas minhas ideias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

Obrigada por tudo!

Luana Kremer

KREMER, Luana. *Mein Kind Zeit: memórias da escola primária de Antônio Carlos, Santa Catarina (1937-1945)*. Florianópolis, SC, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, SC, 2014.

RESUMO

A história do Brasil e, sobretudo, de Santa Catarina é marcada por correntes imigratórias. Destacam-se um desses grupos humanos, chegado no século XIX, que se instalou com o intuito de colonizar e trabalhar: os alemães. Busca-se relacionar a problemática da imigração alemã com as Campanhas Nacionalistas levadas a efeito durante o Estado Novo. Os objetivos são apontar como era a escola primária e como se configurou o sistema de educação escolar que atendeu aos imigrantes e seus descendentes, bem como mudanças ocorridas entre 1937 a 1945. Apontam-se as interferências do Estado Novo no sistema educacional de Santa Catarina e, em particular uma análise quanto ao município de Antônio Carlos. A metodologia está embasada na realização de três entrevistas. O conteúdo dos relatos e das memórias foi analisado com base no referencial teórico de Fiori (2003;1991), Kremer (2010), Kreutz (2000), Rambo (2003), Reitz (1988), Santos (2013; 2012; 2010; 2008), Seyferth (1999;1997). Os resultados evidenciam que com as mudanças políticas e pedagógicas, o governo proibiu o uso de línguas estrangeiras nas escolas, alterou o currículo, reorientou a gestão e o controle docente e até fechou algumas instituições, que nos primórdios foram responsáveis pela oferta de escola, na ausência de ação do Estado. Desta forma, foi modificada a estrutura constituída historicamente com a finalidade de dar novos caminhos para a construção de um cidadão nacional e patriota. Este foi um dos objetivos do governo de Getúlio Vargas, por meio da nacionalização e abasileiramento, a formação de uma nação única. Mas essas mudanças não destruíram totalmente o espírito e as tradições trazidas e mantidas pelos imigrantes. É possível identificar que marcas ainda persistem e são passadas de geração em geração, sendo que coube à escola a elaboração, preservação e transmissão de boa parte dessas memórias.

Palavras-chave: História da Educação, Imigração, Nacionalismo, Educação, Escola, Infância, Memória.

ABSTRACT

The history of Brazil, and above all, Santa Catarina State, is marked by the immigration groups that have settled here. This study highlights some of these immigration flows arising from the nineteenth century who settled predominantly in the southern region of the country, in order to colonize and work. We aim to talk about the immigration issue and its relationship with the German Program Nationalization installed during the period called Estado Novo. One goal is to point out how his childhood was and how the immigrants and their descendants found up a particular system of education and the changes during the years 1937 to 1945. The purpose concerns the New State interference in the educational system of Santa Catarina and especially a deeper analysis in the municipality of Antônio Carlos. The methodology is grounded in conducting three interviews. The content of the reports and memories was analyzed based on the theoretical framework of Fiori (2003; 1991), Kremer (2010), Kreutz (2000), Rambo (2003), Reitz (1988), Santos (2013;, 2012 , 2010;, 2008), Seyferth (1999; 1997). The results show that with the political and pedagogical changes, the government banned the use of foreign languages in schools, the curriculum changed, reoriented the management and teaching control and even closed some institutions that in the early days were responsible for school supply in the absence of state action. With the changes, the government forbade the use of foreign languages in schools and even closed some community-based institutions that were school supply initiative in the absence of state action in this field. Thus, the state changed the structure already set up to new ways to build a national citizen and patriot, their scopes. This has been one of the aims of the first government of Getúlio Vargas, the formation of a single and unique Brazilian nation. But these changes did not completely destroy the spirit and traditions left by immigrants. It was possible to identify many brands that still persist and are passed from generation to generation by the descendants, and had given to schools the rule of preparation, preservation and transmission of a large part of those memories.

Keywords: History of Education, Immigration, Nationalism, Education, School, Childhood, Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	10
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	15
2.1 A chegada e fixação dos imigrantes na região Sul do Brasil	15
2.2 A formação das escolas primárias em Santa Catarina	18
3. O ESTADO NOVO E O PLANO DE NACIONALIZAÇÃO	21
3.1 A finalidade social da escola no processo de assimilação	23
4. ESCOLA, INFÂNCIA E NACIONALIZAÇÃO EM ANTÔNIO CARLOS: O PASSADO PELAS VOZES DO PRESENTE.	26
4.1 Aspectos da história e localização	26
4.2 A infância e a escolarização: análise de entrevistas	27
4.2.1 A escolarização e as influências do nacionalismo	30
4.2.2 Aspectos da identidade e da infância	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
FONTES	44
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de uma família de imigrantes alemães no início da imigração antoniocarlense.	27
Figura 2: Mapa da localização geográfica do município de Antônio Carlos.	27
Figura 3 e 4 – Os entrevistados: Bartolomeu Mannes e Frida Pauli Mannes e Leonídio Zimmermann	30
Figura 5 – Carteiras escolares do Museu da Escola Catarinense	32
Figura 6 - Quadro de pedra utilizado pelos alunos para registro, conhecido pelos alemães como <i>Tafel</i> .	36
Figura 7- A importância da escrita: os cadernos de caligrafia.	37
Figura 8-9 e 10 – Aspectos da casa de um descendente de imigrante antoniocarlense.	41

INTRODUÇÃO

Considero importante para a formação do professor a compreensão de como se configurou, historicamente, a escola brasileira. Por isso, me debruço sobre elementos da formação da rede educacional em atuação, além de buscar conhecer quem são os sujeitos que nela estão inseridos e outros elementos de natureza didático-pedagógica que historicamente a escola institucionalizou. Para isso é necessária uma análise sobre o contexto das instituições escolares, já que elas possuem suas próprias formas de organização. E para uma melhor reflexão sobre este assunto tenho como base os estudos de Nosella & Buffa (2009) e Santos (2010), que ajudam a fazer um panorama de como realizar pesquisas envolvendo instituições escolares e seus sujeitos, quer no Brasil como no cenário de Santa Catarina.

Em *Instituições escolares: Por que e como pesquisar*, os autores trazem elementos teóricos e metodológicos sobre a relação da história com a formação das instituições escolares, além de proporem vários argumentos sobre a necessidade e as maneiras de pesquisar envolvendo o objeto “escola”. Além disso, retratam que os estudos sobre as instituições escolares são algo recente e que os momentos que impulsionaram as pesquisas sobre a educação e instituições escolares estão ligados, entre outros aspectos de cunho histórico, à elaboração das Leis de Diretrizes e Bases (LDB) para a educação em 1961 e com os avanços do ensino superior e da pós-graduação (NOSELLA; BUFFA, 2009, p.16).

Desta forma, os estudos em história da educação estão em constante crescimento, trazendo aspectos variados, relacionados à formação dos professores e alunos e seus contextos culturais e sociais. Ainda defendem “a ideia de que um relato bem elaborado que consiga articular adequadamente o geral com o particular é um instrumento importante para melhorar a educação”; ou seja, uma boa pesquisa na história da educação pode contribuir para compreender o passado, entender o presente e pensar no futuro da escola. Sendo assim, as “pesquisas sobre Instituições Escolares elevam nos educadores o nível de responsabilidade pelos seus atos e estimulam nos leitores o gosto pelos estudos da história local e nacional” (NOSELLA; BUFFA, 2009, p.24; p.29). Portanto, estudar algum objeto ou algum fato ocorrido é importante para preservar nossa história, para que a mesma não caia no esquecimento.

Santos (2010) apresenta elementos fundantes para a compreensão do processo histórico de institucionalização da educação escolar em Santa Catarina, notadamente no âmbito

cronológico que abrange a chamada Era Vargas. Ali, este pesquisador indica que a investigação na área da história da educação voltada para as instituições escolares é ainda algo inovador, notadamente nos cenários meridionais do Brasil, pois são recentes os estudos relacionando a escola com os sujeitos que nela estavam presentes e suas eventuais particularidades. Outro aspecto interessante no texto é que nos mostra o como as fontes de pesquisa histórica podem ser abrangentes.

Pode-se utilizar a legislação de época, registros da imprensa, manuais e livros didáticos, fotografias, documentos de gestão (atas, livros de matrícula, diários de classe); ao lado disso, é possível analisar aspectos dos espaços físicos (a arquitetura dos prédios, a disposição das salas de aula, o mobiliário); e eventualmente se recorre às entrevistas para o resgate de memória, quando ainda vivem antigos gestores, professores ou alunos. (SANTOS, 2010, p. 87).

Nesta pesquisa, o autor também traz um recorte histórico sobre as instituições escolares e “o modo como a educação escolar foi utilizada pela campanha de nacionalização, no governo de Getúlio Vargas” (SANTOS, 2010, p. 86). Aponta como este projeto afetou as escolas primárias rurais que os imigrantes, principalmente alemães fundaram em Santa Catarina. É ainda possível perceber no texto as estratégias e metodologias utilizadas pelo governo para efetivar o objetivo de formar cidadãos brasileiros de acordo com pressupostos de homogeneização cultural.

O desejo e interesse de investigar e de discorrer sobre este tema surgiu a partir de algumas discussões de textos na disciplina de História da Educação, do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no qual tive um estudo sobre a formação das escolas primárias em Santa Catarina.

É por estes motivos, de ordem teórica e metodológica, que o objetivo deste estudo é analisar as memórias de infância com base no contexto educacional no período aproximado de 1937 a 1945, recortando na geografia catarinense o município de Antônio Carlos, evidenciando suas relações com a imigração alemã e o Programa de Nacionalização de Getúlio Vargas.

Já o interesse na rede educacional de Antônio Carlos é uma questão pessoal. Moro na cidade, sou descendente de imigrantes alemães e desde pequena ouvia as histórias, relatos e memórias de meu avô em relação ao seu tempo escolar. Porque relacionar com a Segunda Guerra Mundial e a “Era Vargas”? Bem, tendo como ponto de partida essas histórias orais e os textos lidos, percebi o quanto esses eventos tiveram influência para a cultura e vida das pessoas, principalmente na escolarização. Do ponto de vista metodológico, encontrei

subsídios no artigo, “*Alemanha perdida? Escolarização de crianças em colônias de imigrantes alemães no sul do Brasil*”, em que Santos nos relata como se constituíram as escolas primárias e como era a formação trazida pelos imigrantes da Europa embasado nas memórias de sujeitos de três gerações: Adele Eger, Edeltraut (Eger) Milnitz, Maoreen Milnitz. Para ficar ainda mais claro, o autor traz tais depoimentos que se centram nas lembranças destas descendentes de imigrantes alemães para analisar a suas trajetórias escolares. Para ele,

Os depoimentos dos mais velhos reconstituem aspectos das típicas escolas alemãs, onde o germanismo era forte. Já as entrevistas daqueles que estudaram a partir do final da década de 1930 indicam a convivência ambígua entre dados primordiais de inspiração na cultura alemã e elementos de aculturação de origem brasileira. (SANTOS, 2013, p.846).

Assim, discorrerei sobre a memória da infância e da escola dos idosos de Antônio Carlos, para compreender melhor os processos históricos dessa região e também para observar possíveis mudanças na escola, também estabelecendo algum cotejamento com o relatado nas investigações de Santos e de outros pesquisadores do campo educacional e da história. Quero também que este estudo possa vir a ser mais um referente para futuras gerações e para que não seja esquecida e perdida a memória coletiva, mas sim revigorada.

Para recontar a história da imigração no Brasil, mais precisamente na região Sul, às leituras das pesquisas de Santos & Mueller, Fiori e Seyferth foram basilares para perceber os motivos que levaram estes estrangeiros a deixarem seus países e se fixarem em novas terras. Tais motivos de expulsão dos imigrantes e de atração serão tratados no âmbito desta escrita.

Esta pesquisa, portanto, tem o intuito de aprofundar estudos sobre uma etapa da história educacional no Brasil, especificamente sobre a história das instituições escolares do município de Antônio Carlos-SC, localizado a aproximadamente quarenta quilômetros da capital do estado, Florianópolis, tendo aproximadamente 7.458 habitantes, conforme o censo de 2010 (IBGE).

Quanto às metodologias, utilizarei a pesquisa histórica com o intuito de analisar um período da história, levando em consideração os sujeitos que nela estavam presentes e suas relações com a cultura e a escola. Trabalhando com fontes documentais, referenciais bibliográficos, com destaque para os estudos de Santos (2013, 2012, 2010, 2008), Reitz (1988), Fiori (2003,1991), Seyferth (1999,1997), Rambo (2003) e Kreutz (2000) com o intuito de buscar informações que possam vir a informar e complementar os processos do contexto educacional da época, analisando-os e interpretando-os.

Além disso, também procurarei aspectos qualitativos, através de estudos etnográficos, com a participação de indivíduos moradores do município e descendentes dos imigrantes

alemães, para reconhecer e verificar se o estudo feito anteriormente condiz com o que as pessoas viveram no ambiente escolar no período entre 1937 a 1945.

Cambi (1999) também pode contribuir para pensar sobre a memória e história. Em seu texto *“Da história da pedagogia à história da educação”* o autor nos apresenta informações sobre a história da pedagogia desde seus primórdios até os dias atuais, apontando suas transformações ao longo dos tempos. Além disso, ele retrata que “o fazer história não está ligado a um processo único” (CAMBI, 1999, p. 26), isto me remete a entender que realizar uma pesquisa histórica pode englobar muitos métodos, tornando-se o estudo uma dialética metódica.

Sobre o trabalho com a memória relacionada com a história, ele nos explicita que,

A memória aplicada ao passado histórico significa o reconhecimento/ apropriação de todas as formas de vida [...] o reconhecimento das suas identidades, suas condutas, suas contradições; [...] Tudo isso com o objetivo de repovoar aquele passado com muitas histórias entrelaçadas e em conflito e de restituir ao tempo histórico seu pluralismo de imagem e sua problematicidade. Com isso, entretanto, realiza-se também um distanciamento do puro presente e de sua e de sua rigidez, para retê-lo (CAMBI, 1999, p.36).

Para tanto, é utilizada a entrevista, com o intuito de levantar questões para apresentar as possibilidades que a história oral pode nos oferecer e encontrar na memória possíveis caminhos para o encontro com o passado, levando em consideração também como diz Cambi, as formas de vida de cada indivíduo entrevistado.

A partir daí, levanto questões como o que se passava na vida das crianças que frequentavam a escola, antes e depois do Programa de Nacionalização? Quais suas principais características ao frequentar uma unidade escolar? Como era a organização curricular? Questiona-se também sobre as marcas deixadas pela política de nacionalização do governo de Getúlio Vargas na época de Segunda Guerra Mundial. Essa política afetou a população de descendentes alemães antoniocarlense? Procura-se também identificar onde esses sujeitos viveram, qual a importância que eles veem na escola, quanto à relação do professor e aluno dentro da sala de aula, além de contar os fatos que marcaram a infância, juntamente sobre a importância da educação.

A estruturação deste trabalho se divide quatro partes. A primeira é referente à introdução, onde pontuo os objetivos, as justificativas e a metodologia, apresentando um breve esboço do que vai tratar a presente pesquisa.

Após, os escritos são divididos em três grandes sessões, nas quais se discorre sobre a imigração, nacionalização e apresentam-se elementos de análise embasados nas entrevistas realizadas.

Na primeira sessão, basta então retirar o aprofundamento teórico, que deve ser feito no devido capítulo. Trata-se sobre o contexto histórico da imigração do século XIX no Brasil e em Santa Catarina. E a formação das ditas escolas étnicas, nesse contexto.

O capítulo seguinte aborda o que foi o Governo de Getúlio Vargas, em alguns de seus aspectos, já que se trata de um período amplo e complexo, e quais as influências que o mesmo teve em relação à escolarização e à cultura. Apresentam-se análises sobre os processos históricos de construção da infância e da escola com base em um ideário de nacionalização.

E, por fim, no último capítulo trarei uma análise de entrevistas com moradores que vivenciaram o período destacado, à luz do referencial teórico já destacado anteriormente. Neste ponto, temos o intuito de perceber como foi este programa no município de Antônio Carlos e como ficou a vida destes descendentes com as mudanças ocorridas no Governo de Vargas, de acordo com suas lembranças e o nosso olhar sobre esses dados coletados e interpretados.

2. Contextualização histórica

2.1 A chegada e fixação dos imigrantes na região Sul do Brasil.

Conforme Santos e Mueller (2009), desde seus primórdios, a imigração tanto na região Sul, como em outras regiões do Brasil, está diretamente relacionada com a busca dos estrangeiros por um lugar que possibilitasse o trabalho e a obtenção de uma terra própria. Além disso, no século XIX a Europa passava por diversas crises econômicas e sociais.

A promulgação da Lei de Terras (Lei nº 601, de 1850) consolidou o sistema de colonização baseado na pequena propriedade, mudando a forma de concessão dos lotes, que passaram a ser recebidos por compra, a prazo. Impulsionou a colonização do Sul, região que na década de 1870 passou a receber imigrantes italianos, russos, poloneses, além dos alemães (para citar apenas as nacionalidades mais significativas). No mesmo ano, a proibição do tráfico de africanos levou a uma política de substituição do escravo pelo trabalhador livre imigrante na grande lavoura paulista. Em resumo, o sistema de colonização vigente no Sul tinha entre suas metas promover o povoamento do território; portanto, privilegiou a ocupação de terras públicas ou devolutas — terras florestais, conforme assinalou Waibel (1958) — com imigrantes europeus que assumiram a condição de pequenos proprietários (SEYFERTH, 1999, p.201).

Com a citação de Seyferth fica claro que o Brasil também tinha interesse em receber imigrantes, principalmente pela falta de mão de obra e para colonizar terras desabitadas. Este é um dos fundamentos da política imigratória, frequente durante o século XIX. Ainda é possível que no cenário sulino, a questão seja diferente do que se viu noutras porções do país. Nestas terras meridionais, o objetivo do governo era de povoá-las e formar pequenas propriedades, principalmente rurais. Portanto, os imigrantes deveriam colonizar esses espaços territoriais, comprando ou recebendo do governo porções de terra, onde realizariam o desejo de ter sua própria terra, “alimentavam o sonho de fartura e felicidade.” (MUELLER; SANTOS, 2009, p.264). Por isso muitos imigrantes aqui vieram, e dentre os destacados acima, os mais representativos quer do ponto de vista numérico como de sua contribuição cultural foram os alemães, ao lado dos italianos, mas sem desprezar as contribuições de outras várias etnias, que apenas por questões de ordem teórica e metodológica não são objeto deste estudo. Ou seja, apesar das várias correntes imigratórias que chegaram ao Brasil e a região Sul, o foco deste estudo está relacionado principalmente com a imigração alemã; portanto são destacados os motivos pelos quais estes estrangeiros de origem teuta vieram para cá.

Especificamente na Alemanha estavam presentes dois momentos de expulsão da população. O primeiro ligado ao processo de unificação do país, sendo que os pequenos proprietários tiveram que se retirar de suas terras “em função de um rápido movimento de

abolição da estrutura feudal”; já o segundo momento está ligado à industrialização, onde devido ao “excedente da produção de trabalhadores gerado pela indústria emergente, pelo crescimento demográfico e pelas crises econômicas e políticas” (MUELLER; SANTOS, 2009, p.263-4).

Dessa maneira, é possível perceber que o ideal para o europeu, principalmente alemão, que estava em meio destas crises de base econômica e política, era procurar outro lugar com novas oportunidades, como empregos e melhoria de sua condição social. Buscava-se, assim, um “novo mundo”, com oportunidades políticas, econômicas e culturais diferentes daquelas das regiões de origem.

Santos ainda nos explicita outro motivo pelos quais o governo queria a ocupação das terras brasileiras por imigrantes, principalmente europeus.

Da parte das elites brasileiras, tanto no período imperial como nas primeiras décadas da era republicana, as diretrizes dos projetos colonizadores foram guiadas por perspectivas de cunho étnico e – por que não dizer – racial, as quais foram arroladas para justificar a escolha do imigrante alemão como elemento humano “ideal” para a ocupação do território nacional, uma vez que reunia tanto uma característica de base biológica desejada à época – era europeu, branco ou de raça branca –, assim como tinha atributos morais desejáveis como a obediência e o amor ao trabalho (SANTOS, 2012, p. 544).

Assim, é possível perceber que a escolha do governo por imigrantes alemães não foi aleatória, tinha-se certo ideal a ser instalado no Brasil, relacionado à *etnicidade*, ou *àquilo que anteriormente se cunhava como motivo racial*. Ou seja, desejava-se uma população com uma moralidade desejada e que fosse branca. Sobre estas questões raciais e éticas, não cabe aqui aprofundá-las, já que nosso objetivo não é vislumbrar tais polêmicas.

Em Santa Catarina, o marco inicial da imigração alemã foi a criação da primeira colônia, denominada de Colônia de São Pedro de Alcântara. Porém,

Deve-se destacar a desfavorável localização geográfica. Seu relevo não era próprio para uma agricultura e rotação de culturas. A lavoura ficou restrita a pequenas áreas cultiváveis. O sistema adotado era primitivo e não permitia um maior desenvolvimento na produção e, conseqüentemente, da colônia. Esses fatores aliados ao descaso do governo provincial e ao fato do governo imperial não realizar mais gastos com os imigrantes, levam uma onda de evasão para outras áreas, proporcionando o surgimento de novos núcleos coloniais (ALBINO, 2001, p. 77).

É possível perceber na citação que os imigrantes encontraram dificuldades nesta primeira colônia de imigrantes alemães – o que viria acontecer, em maior ou menor grau também em outras áreas de colonização, e que a mesma não prosperou. Ocorrendo assim a migração interna dessas pessoas em busca de melhores condições de vida e de trabalho,

movendo-se dentro do território barriga-verde ou mesmo do Brasil. Uma porção destes seguiu para outras regiões, principalmente para o Vale do Itajaí. Atualmente é nessa região que se tem um maior destaque cultural deixado por imigrantes alemães do Estado de Santa Catarina, com ênfase para as cidades de Pomerode e Blumenau, entre outras.

Outro aspecto a se destacar era a independência e espírito autônomo que os colonos tinham. Isso se deve, conforme Rambo, à dispersão geográfica que eles acabaram constituindo, não tendo assim interferências de outros grupos distintos culturalmente em suas propriedades e escolhas econômicas. Sabe-se de contatos conflituosos e harmônicos com populações indígenas, por exemplo, mas não nos dedicaremos a tais aspectos. Note-se que a distância entre as propriedades:

Obrigava as crianças a caminhadas diárias, às vezes de vários quilômetros, para ir à escola e voltar. Para muitos, a igreja ficava longe, impedindo-os de frequentá-la com a assiduidade desejada. Da mesma forma era preciso percorrer distâncias significativas até chegar ao moinho, à ferraria, a carpintaria ou até a sapataria (RAMBO, 2003, p. 69).

Nessa citação o autor apresenta algumas dificuldades que a dispersão geográfica apresentou aos colonos. Dentre estas ainda se destaca a dificuldade de locomoção, pois como foi visto, ao chegar aqui, muitos tiveram que se reerguer do zero, construir propriedades e plantações, além das estradas e outras benfeitorias necessárias à subsistência. Mas apesar dessas dificuldades eles continuaram a significar a família e aquilo que foi o seu grande sonho, a terra a ser conquistada: lá eles mantinham e trabalhavam movidos pelos desejos de possuir o que precisavam para sobrevivência, tanto em uma base material como social. (RAMBO, 2003).

Ainda sobre as comunidades de imigrantes alemães, é importante destacar a centralidade da religiosidade nas vidas dos colonos. Condizente com argumentos de Rambo (2003), lembro que a religiosidade, assim como a escola tinham um papel fundamental na constituição do ser; para isso criaram-se igrejas, onde praticamente todos participavam. Cabe lembrar, todavia, que os imigrantes alemães eram católicos ou protestantes luteranos, o que significou a introdução de um novo elemento cultural no cenário local. Era nas missas (para os católicos) e cultos (para os luteranos) de domingos que a comunidade se encontrava. Após a cerimônia, conversavam dos mais variados assuntos, contribuindo para que todos se conhecessem, apesar das distâncias. Até mesmo nas escolas se procedia o ensino religioso, através do catecismo e da leitura da Bíblia (RAMBO, 2003).

Para Rambo (2003), os imigrantes e seus descendentes tinham a casa onde moravam como um lugar sagrado, pois era ali que se vivenciavam a maioria das situações da vida e onde se aprendia valores como a importância da família, o que é “certo ou errado” e a rezar. Evidencia-se também, em conformidade com este autor, que a maioria das casas tinha uma extensão, um pátio. Nestes pátios se tinham jardins, árvores de sombra e frutíferas, havia criações de animais e plantações, geralmente terrenos cercados. A criança tinha livre acesso a estes espaços, portanto estava em constante contato com a natureza e animais tanto selvagens como domésticos, possibilitando aprendizagens e brincadeiras, embora, logicamente, também situações perigosas se configurassem.

2.2 A formação das escolas primárias em Santa Catarina

Como foi visto anteriormente, os Estados do Sul tinham a necessidade de serem povoados. Assim, foram se instalando nessas regiões, imigrantes estrangeiros, principalmente vindos da Europa (alemães, italianos, poloneses...), trazendo suas famílias e suas culturas para o Brasil.

Logo, foram consolidando-se grupos étnicos que carregavam culturas cheias de especificidades oriundas de sua terra natal. E com o objetivo de preservar suas tradições sociais, culturais e religiosas, principalmente manter viva a língua falada, os imigrantes nutriram seu foco na criação das primeiras escolas, marcadas por elementos culturais peculiares e por isso denominados como étnicas (SANTOS, 2012). Essas escolas foram mais representativas em grupos que tinham características específicas muito marcantes, como foi o caso dos imigrantes alemães, e estes também foram os que tinham “o número mais expressivo de escolas étnicas” (KREUTZ, 2000, p. 160).

Naquele período de fortalecimento das colônias estrangeiras, existiram escolas comunitárias e também escolas particulares, tanto em áreas urbanas como em áreas rurais. Porém, focam-se aqui as colônias rurais e suas escolas, já que por ficarem “isoladas por longo período, empreenderam uma ampla estrutura comunitária de apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural, à semelhança dos países de origem.” (KREUTZ, 2000, p. 159).

Conforme Santos (2013), o governo republicano pouco investia na escolarização das crianças. Isso impulsionou os alemães a criarem escolas comunitárias, pois eles acreditavam que esta seria a forma de não deixar a sua cultura entrar em decadência. Em outra pesquisa, Santos ainda aponta que essas escolas comunitárias eram mantidas com recursos advindos de

mensalidades pagas pelos próprios colonos que tinham seus filhos como membros da instituição (SANTOS, 2012).

É possível perceber nos textos de Santos e Kreutz que a escola tinha um papel fundamental na vida dos indivíduos que deixaram sua nação natal para criar seus filhos e descendentes em outro lugar totalmente diferente, tanto social, como culturalmente. Foi nessas primeiras ditas escolas comunitárias que se manteve uma continuação das tradições estrangeiras. Por isso,

E o meio que lhes pareceu mais eficaz, encontraram-no na própria bagagem cultural trazida de além oceano: a escola. Tratava-se de uma escola que não servia apenas de núcleo alfabetizador, mas representava o antídoto eficaz contra uma possível degenerescência cultural. Com essa missão gigantesca à raiz, deve ser entendida e colocada nos seus devidos parâmetros a escola de comunidade (*Gemeindeschule*) de ambos os credos e que tanto bem trouxe aos camponeses teutos nos primeiros 120 anos (RAMBO, citado por SANTOS, 2012, p. 546).

Por essa importância que se tinha na educação, as regiões colonizadas por estrangeiros alemães conseguiram combater o analfabetismo. Por conseguinte, o “analfabetismo estava erradicado nessas comunidades, quando, no restante do país ultrapassava os oitenta por cento” (RAMBO, citado por SANTOS, 2012, p. 548).

Outro ponto importante a destacar sobre as escolas comunitárias alemãs é a questão religiosa. Para muitos alemães a escola também era essencial para ensinar, desde cedo, a criança a ler e escrever, “pois elas precisavam sozinhas conhecer o conteúdo da Bíblia e participar dos ritos comunitários” (SANTOS, 2012, p. 547).

Já sobre aspectos da estrutura física e pedagógica da escola, captamos nos estudos de Santos (2012) que as construções físicas da escola foram se dando ao longo dos tempos gradativamente. Antes desses espaços próprios, se utilizava para o ensino, as próprias casas dos colonos. Ainda em conformidade com Santos (2012, p. 550), “as aulas eram num único espaço e havia uma ou duas classes, por sua vez divididas em até quatro seções”.

Em todas essas seções pode se perceber que o foco central do ensino era o aprender a leitura, matemática, escrita e religião. Fica claro que se tinham outros conteúdos, mas aqueles eram considerados os mais essenciais para a formação do aluno, que eram ensinados através de decoração, ditados e exercícios de repetição e de caligrafias (SANTOS, 2012). Destaca-se nesse processo de ensino-aprendizagem a língua alemã. Ela significava

[...] centralidade como elemento de comunicação entre os sujeitos e como objeto de aprendizagem, sublinhando o fator linguístico das relações sociais como o principal responsável pela caracterização da escola como um dos núcleos sociais de produção de relações étnicas (SANTOS, 2012, p. 553).

Portanto, a escola tinha como papel principal manter tradições e principalmente não deixar que sua língua fosse perdida para o tempo e para a cultura da nova terra que se instalaram. Essas escolas também ficaram conhecidas como “escolas alemãs”, justificadas pelos métodos e propostas de ensino que foram desenvolvidas (SANTOS, 2012, p. 559).

Com o tempo, principalmente nos anos de 1930, começaram a adentrar nas escolas de primeiras letras (ou primárias ou ainda elementares, para citar algumas das terminologias que ocorrem), com maior vigor e com novos propósitos reformadores, disciplinas como “história e geografia da pátria”. Nessas disciplinas se obtinha uma noção maior sobre as riquezas, as extensões territoriais e sobre a história da gente tida como tipicamente “brasileira”, tornando a escola um espaço de “despertar nos alunos a consciência de suas responsabilidades civis” (RAMBO, 2003). Porém, nunca deixando de lado os seus valores e suas tradições, mas o que foi estabelecendo questões conflituosas no panorama político e cultural. E foi com a intensificação das campanhas de nacionalização, notadamente a partir de 1937 e 1938, que muitas instituições escolares étnicas foram fechadas ou transformadas em públicas e proibiu-se o uso de línguas estrangeiras na escola, entre outras medidas de fundo legal pautadas pela legislação exarada à época e ditada pelo governo de Vargas e de seu grupo.

3. O Estado Novo e a Campanha de Nacionalização

Durante os anos 30 do século XX, o Brasil começou a presenciar um período conhecido como a “Era Vargas”; neste período o então presidente em atuação Getúlio Vargas instaurou até mesmo um regime ditatorial e constituiu o chamado “Estado Novo”.

Assim, entre os anos de 1937 a 1945, a história do Brasil foi marcada por este período ditatorial de governo, na qual o Estado detinha o poder de controle sobre os meios sociais, culturais e econômicos. Neste momento estiveram em vigor as concepções ideológicas do então presidente, que formulou recursos para enraizar na população uma criação de identidade única, na qual se exaltava o nacionalismo brasileiro que se denominava na época de Campanha de Nacionalização (SANTOS, 2012).

Sobre esta temática, os estudos de Santos (2012) ajudam a refletir e perceber possíveis presenças de aspectos que se espelharam até mesmo em características de regimes fascistas na campanha nacionalista, segundo o que Vargas trazia acepções do regime totalitário vindos da Europa. Isto gerou certa revolta aos partidos antifascistas que lutaram contra esse ideário, mas acabaram reprimidos pelo Governo Militar.

As marcas fascistas do Estado Novo brasileiro foram reforçadas com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela censura aos meios de comunicação. Por esse motivo, esse período histórico é rico em publicações que enalteciam a imagem de Getúlio Vargas e os seus projetos de governo, dando contornos particulares ao fascismo brasileiro, em que a manipulação ideológica assumiu uma importância vital (SANTOS, 2012, p.141).

Ou seja, criação do Departamento da Imprensa e Propaganda pelo governo de Vargas contribuiu para criar propagandas enaltecedoras, onde o presidente aparecia como o herói da população, levando a ser considerado como “Pai dos pobres”. Ainda conforme o autor, todos os meios de comunicação passaram a ser exercidos sobre influência do Estado. Neste sentido, conforme Capelato, o poder sobre os meios de comunicação,

Tenta suprimir, dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva.

Os organizadores da propaganda varguista, atentos observadores da política de propaganda nazi-fascista, procuraram adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e persuasão usados na Alemanha e na Itália, adaptando-os à realidade brasileira (CAPELATO, 1999, p.169).

É possível compreender então que os meios de comunicação espalhariam o ideal nacionalista do regime brasileiro em vigor. E buscariam o apoio da população para legitimar o poder de um grande líder, tendo Vargas à frente na implementação de meios de controle de

pensamentos e ações das massas e também de segmentos da elite intelectual, política e econômica. Dessa maneira, a divulgação de uma cultura nacional “tipicamente” brasileira foi realizada por meio de jornais, livros, rádios e principalmente nas escolas, usadas como elemento estratégico para a formação da infância e juventude no ambiente da imigração alemã.

Ainda durante o Estado novo, o mundo estava sofrendo muitas transformações decorrentes da Segunda Guerra Mundial. Isto também afetou o Brasil, já que por escolhas econômicas o país transformou-se de aliado à rival da Alemanha, do Japão e da Itália, que lutavam alinhados pelo chamado Eixo. Segundo Seyferth,

A participação do Brasil na guerra, a partir de 1942, acirrou as animosidades, pois a ação nacionalizadora se intensificou junto aos imigrantes (e descendentes) alemães, italianos e japoneses — transformados, também, em potenciais “inimigos da pátria” (SEYFERTH, 1997, p.97).

Desta forma, a vida dos imigrantes começou a mudar, já que agora eles tinham algo a temer: a pressão do governo em retirar a cultura estrangeira e formar uma cultura brasileira. Por tanto, o nacionalismo afetou nitidamente a vida dos imigrantes e seus descendentes, destacando principalmente os alemães, pois estes foram os que mais resistiram a este programa (SEYFERTH, 1997).

Como vimos no capítulo anterior, os alemães e seus descendentes ficaram de forma isolada diante das ações do Estado. O que fez com que essa população criasse uma “organização comunitária própria” (SEYFERTH, 1999, p. 204), uma vez que eles queriam ser brasileiros e também assim se viam, mas com preservação de sua identidade alemã ou europeia simultaneamente. Isso ia totalmente contra os princípios da campanha de Getulio Vargas, pois conforme Seyferth, o governo brasileiro de então acreditava que os estrangeiros poderiam desconfigurar a nação homogênea a ser construída no Estado Novo.

Assim, com a participação brasileira na segunda Guerra, os imigrantes, principalmente, alemães, italianos e japoneses, foram vistos como inimigos da nação brasileira em construção e a ser defendida. E o militarismo que foi imposto às instituições sociais, notadamente à escola, teve papel importante para assegurar que estes imigrantes abandonassem sua cultura, sua língua e se tornassem brasileiros nacionais, amantes devotados da nova pátria.

Com medo de uma ameaça nacional, o Estado criou métodos contra esses imigrantes para garantir a segurança nacional de possíveis invasões nazistas. Seyferth nos aponta que,

Como consequência, houve restrições às liberdades individuais: necessidade de autorização para viajar dentro do país; apreensão de materiais como livros, revistas, jornais, documentos, com destruição de parte da memória histórica da imigração; eventualmente prisão ou imposição doutrinária àqueles que não se expressavam em português (SEYFERTH, 1999, p.224).

Portanto é possível identificar que o governo, juntamente com as forças militares, perseguiu muitos imigrantes e seus descendentes que não seguiam as ordens do Estado quanto ao patriotismo centrado na devoção ao Brasil. Ou seja, os imigrantes e seus descendentes não poderiam mais praticar, tanto nos seus lares como nas ruas e outros espaços públicos, as suas tradições e linguagens de origem germânica.

3.1 A finalidade social da escola no processo de assimilação

A escola possui funções que lhe são atribuídas conforme a sociedade em que a mesma está inserida e também o tempo histórico, numa relação dialética. Pois há liames entre o singular e o universal, entre uma escola e sua forma de organização e fatores da política, da economia, sociais e culturais. Por isso suas finalidades podem mudar em determinado tempo e espaço. Dialogando com Muller e Santos (2009) é possível perceber que na modernidade pretendida nas primeiras décadas do século passado, esta instituição teve um papel relevante na dissimulação de ideologias e outros aspectos pertencentes ao projeto de nacionalização, como o controle e a disciplina. Por conta disso,

Em determinados momentos e nos diversos processos históricos constitutivos das nações, veio atender às demandas internas de disciplinarização do pensamento, de unificação da cultura nacional, de legitimação do ideário dominante. Neste sentido, contribui significativamente para frear a autonomia e diversidade das culturas populares, elegendo a cultura dominante como padrão (MUELLER, SANTOS, 2009, p. 261).

Na “Era Vargas”, a busca era por moldar as crianças para instalar uma cultura nacional a ser dominada e compartilhada por todos os indivíduos brasileiros. E era preciso extinguir os traços culturais estrangeiros, ao lado disso. Desta maneira,

O papel atribuído à educação escolar é o elemento fundamental que impulsiona nossas investigações sobre o estadonovismo: as escolas eram consideradas ambientes estratégicos para a formação do brasileiro, que viria a ser um homem também novo, um patriota devotado destinado a auxiliar na regeneração social da nação. Por isto, a formação das crianças e jovens recebeu um olhar especial do governo, num projeto com marcas ideológicas arraigadas (SANTOS, 2012, p. 138).

Portanto, foi por este caminho que Vargas encaminhou sua proposta de nação unificada. Nela criou novas instituições escolares e modificou as que já existiam. Com o apoio de Gustavo Capanema atuante no campo, ministro da Educação e Saúde a partir de 1934. O presidente fechou as chamadas escolas estrangeiras e proibiu a língua materna dos imigrantes de adentrar na escola, seja nas falas como em outros elementos do currículo como nas formas de escrita de livros, cadernos e também na expressão oral de comunicação entre os sujeitos.

Ao lado disso, foram criados programas de inspeção que fiscalizavam e puniam quem não seguia as regras.

Em “*Aspectos da evolução do ensino público*”, a autora traz estudos apontando fatos da história do ensino público estadual em Santa Catarina. Conforme Fiori (1991), é possível notar que desde os tempos de Brasil Império o Governo pouco se preocupava com o ensino público das pessoas. As escolas públicas que se tinha na época, também chamadas de escolas primárias, eram muito precárias, tanto em estrutura como em aportes pedagógicos. Os professores deveriam ser somente de origem brasileira e eram escolhidos através de concurso público; porém o número de candidatos era escasso.

Para ter um controle sobre estas instituições de ensino primário, e principalmente sobre o trabalho dos professores em atuação, surgiu a inspeção escolar. Para esta função eram escolhidas pessoas para fiscalizar o trabalho docente e, caso houvesse um mau trabalho do professor, o inspetor deveria repassar os “fatos para o Presidente da Província, que deveria tomar as providências para a punição dos docentes” (FIORI, 1991, p. 36).

Como destacado anteriormente, com a chegada dos imigrantes, principalmente italianos e alemães por volta de 1850, começaram a surgir as escolas étnicas, comunitárias e particulares. No caso mais aparente, as escolas alemãs, o ensino era dado todo na língua materna dos estrangeiros. Isso fez com que o Governo tivesse certa preocupação, pois poderia afetar a cultura nacional brasileira. Com isso, foi estimulado o ensino da língua portuguesa e se buscou disseminá-lo nas regiões de colonização estrangeira, sendo que só receberiam apoio governamental as escolas que tivessem o ensino na língua vernácula (FIORI, 1991).

Pode-se compreender, através dos estudos de Fiori, que a questão da assimilação não esteve somente presente no período de governo de Getúlio Vargas. Porém, foi no Estado Novo que a mesma teve maior destaque, já que o processo de nacionalização foi bem mais agressivo. Com os ideais nacionalistas, boa parte das escolas de imigrantes foi fechada e foi proibido totalmente o idioma estrangeiro, o que não ocorreu na primeira intervenção do governo nas instituições, já que ainda podia se ter os dois idiomas no ensino, apenas com maior relevância na língua portuguesa e o “currículo precisava incluir noções de civismo, geografia e história pátrias” (SANTOS, 2008, p.233). Porém algumas escolas comunitárias não conseguiram atender a tais exigências e acabaram sendo transformadas em escolas do governo ou até mesmo acabaram fechando por não conseguirem dar conta das imposições do Estado. E quanto a formação das crianças e jovens no ambiente escolar:

Os resultados mostram que a inspeção escolar assimilou as orientações nacionalistas. A gestão se constituiu em instrumento técnico-pedagógico de controle, mas também ideológico, ficando a serviço do enaltecimento de valores e atitudes tidos como alicerces do patriotismo, alvejando uniformização e homogeneização, buscando transformar as escolas em ambientes de geração de uma nova infância e juventude, autenticamente brasileiras (SANTOS, 2008, p. 249).

Em tempos de nacionalização, o trabalho do inspetor teve seu auge. Agora, além de observar a atuação dos professores, eles deveriam estar ainda mais atentos com os alunos para que não falassem o idioma estrangeiro. Santos (2008) aponta que a inspeção escolar teve papel fundamental na fiscalização das escolas quanto a aplicação dos ideais nacionalistas, registrando e denunciando quem não seguisse os termos do governo.

4. Escola, infância e nacionalização em Antônio Carlos: o passado pelas vozes do presente.

4.1 Aspectos da história e localização

Para a abordagem de elementos da história de Antônio Carlos, antes precisou ser feita uma contextualização sobre como e por quais motivos os imigrantes estrangeiros, principalmente alemães, vieram para Santa Catarina. No diálogo com os autores já citados, percebe-se que a principal causa foi justamente a busca por terras e melhores condições de vida, além de interesses pelo próprio governo em povoar as terras e mobilizar a vida econômica e política.

Para recontar a história do município e da educação, focada nas instituições escolares, o principal apoio teórico foram os escritos de dois autores antoniocarlenses, a saber Kremer (2010) e (1988). Estes trazem em seus textos um referencial relevante para a historiografia sobre Antônio Carlos. Além disso, muito do que se sabe sobre a história do município é ainda passado de geração em geração, através de fontes orais, documentais e fotográficas, bem como através de meios mais informais de diálogo entre os habitantes locais.

A maioria da população é advinda da corrente imigratória ocorrida nos anos de 1830, principalmente aquela de imigrantes alemães que se deslocaram da primeira Colônia alemã de Santa Catarina, São Pedro de Alcântara, que não prosperou como se esperava e seus novos habitantes seguiram em busca de melhores terras e condições de vida. Em uma destas andanças, um grupo de estrangeiros liderado por João Henrique Schöeting cruzou as matas de São Pedro de Alcântara e instalou-se inicialmente em uma comunidade vizinha, denominada hoje de Louro. Antes de esse grupo chegar, Antônio Carlos já era habitada por portugueses donos de engenhos e por negros, que muitas vezes eram escravos nesses engenhos (Reitz, 1988).

A figura 1 mostra uma típica família de imigrantes alemães do município. O teor pode passar uma representação de família tradicional patriarcal, onde a figura do pai tem grande relevância. Note-se ainda a presença de crianças, o que demandava escola e, ao mesmo tempo, indica natalidade elevada em função das necessidades aventadas em alguns estudos de haver braços para a lavoura e outras atividades econômicas.



Figura 1: Imagem de uma família de imigrantes alemães no início da imigração antoniocarlene.
 Fonte: Arquivo pessoal de Bartolomeu Mannes e Frida Pauli Mannes

O município se localiza em uma região catarinense chamada Grande Florianópolis, está a aproximadamente quarenta quilômetros de distância da capital do Estado, Florianópolis. Na figura 2 é possível ter uma noção de sua posição geográfica em Santa Catarina:



Figura 2: Mapa da localização geográfica do município de Antônio Carlos
 Fonte: <http://e-ipol.org/tag/hunsruckisch/>

4.2 A infância e a escolarização: análise de entrevistas

A construção do conhecimento histórico sobre algum fato pode percorrer vários caminhos e mobilizar diversas fontes, como documentais, bibliográficas e orais. Tudo para se tentar registrar o passado e trazê-lo, de algum modo, ao presente e ao conhecimento das pessoas.

E, para resgatar um segmento da história local do município de Antônio Carlos, relacionado à infância e a nacionalização, aqui vivida por imigrantes alemães e seus descendentes, buscou-se nos depoimentos orais subsídios para reconstituir e analisar tais acontecimentos. Pode-se assim, tentar fazer surgir possíveis verificações do vivido neste local e relacionar com um panorama histórico mais geral, aproximando-se ou não do que as pesquisas já relatam sobre a escola, seus sujeitos e a Era Vargas, concomitantemente.

Para tal análise foi necessário o encontro com as vozes do passado. E nas falas de Leonídio Zimmermann e Frida Pauli Mannes, viventes e presentes em fatos históricos de um determinado período, se buscou o entendimento sobre a escola, a infância e ao mesmo tempo, como era possuir no arcabouço cultural em que se foi criado e se estava imerso, características divergentes de uma característica nacional. E a memória nos ajuda na busca por outros conhecimentos; portanto, a função dela é “o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. [...] O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte” (BOSI, 1994, p.89). Por sua vez, a pesquisadora Xavier, em seus estudos sobre o Manifesto dos pioneiros da educação, documento que é clássico quando se fala da história e transformações da educação brasileira, traz também um reflexo interessante acerca da importância da memória e da história na vida individual e coletiva dos sujeitos da sociedade. Portanto, ela destaca que “a memória como expressão afetiva dos feitos passados que queremos salvaguardar e a História como atitude racional de compreensão do presente pelo estudo do passado” (XAVIER, 2004, p. 21). Isso leva a consciência de que a memória pode ser a fonte para a história, mas esta é racional e tende a estudar o passado para assim, compreender o presente.

É importante destacar que o exposto nas falas dos entrevistados não pode ser considerado como padrão de todos os indivíduos daquela época, porque cada um tem os seus contextos e seus modos diferenciados de se viver. Mas as histórias orais destacadas trazem à luz reflexões a serem pensadas e relacionadas sobre a infância e escolarização. Por isso, foram selecionados os pontos mais essenciais em suas falas para dialogar com o que foi evidenciado anteriormente nos elementos teóricos selecionados.

Sobre a metodologia aplicada, a realização de entrevista, tinha por finalidade encontrar um homem e uma mulher que vivenciam sua infância no período de 1937 a 1945. Inicialmente foi fácil encontrar um homem, mas para encontrar uma mulher foi mais difícil: algumas que se buscou não tinham a idade desejada para se encaixar na amostra e outras

simplesmente não queriam falar, pois achavam que não sabiam responder. Também há que se levar em conta as condições de uma estudante para a realização de uma pesquisa e os elementos de apoio didático-pedagógico disponíveis para quem se inicia na investigação histórica.

O senhor Leonídio Zimmermann, um dos ouvidos, foi uma indicação de conhecidos. Atualmente ele é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e morador do município de Biguaçu. Passa uma parte de seu tempo escrevendo sobre o seu passado, possuindo alguns livros publicados. Na sua infância, era morador de uma comunidade interiorana denominada de Rio Farias e estudou na Escola Isolada Rio Farias nos anos de 1940. Foi uma felicidade localizar um informante com tais características.

Segundo os critérios escolhidos na metodologia, outro entrevistado seria uma mulher. Após algumas buscas, encontrei na localidade do Rachadel, um casal de idosos onde estão alguns sujeitos que se prontificaram a responder algumas perguntas. Seriam eles, Bartolomeu Mannes e Frida Pauli Mannes. Ambos contribuíram neste estudo, sendo que os dois juntos concordaram em conceder a entrevista. Eles são aposentados e casados há sessenta e sete anos. Coloca-se aqui também que algumas questões somente a Senhora Frida que pontuou, havendo o interesse em tentar descobrir fatos relacionados a questões de gênero, dentro e fora de sala de aula.

Com as entrevistas se buscou identificar, entre outros aspectos apresentados nos objetivos, como era a infância daquele tempo, quais eram suas prioridades enquanto crianças, se elementos culturais trazidos com a imigração alemã continuavam presentes e de que forma eram vistos e até mesmo revigorados. Além disso, se priorizaria as memórias sobre o tempo de escola, componentes como a estrutura física, como eram os professores, os saberes que se aprendia, além de investigar se houve ou não interferências marcantes no período da nacionalização, dado que os entrevistados teriam vivido naqueles momentos e, possivelmente, teriam lembranças a recontar.



Figura3 e 4 – O entrevistados: Bartolomeu Mannes e Frida Pauli Mannes e Leonídio Zimmermann.
 Fonte:Arquivos pessoais de Luana Kremer e de Leonídio Zimmermann

4.2.1 A escolarização e as influências do nacionalismo.

Sobre a escolarização em Antônio Carlos, esta não se diferencia do relatado nas memórias de imigrantes e descendentes que recontaram suas versões quanto à colonização e escolarização. Conforme Reitz (1988), o surgimento da educação escolar foi de “luta” dos colonos locais em dar uma educação para seus filhos.

Na época, logo após os imigrantes alemães se fixarem no município, não haviam professores do Estado. Portanto, o “ensino das primeiras letras era dado por irmãos mais velhos, tias, e, sobretudo por professores ambulantes” (REITZ, 1988, p. 82). Pode-se perceber que outros professores eram contratados pelos próprios colonos, sendo que cada aluno pagava uma taxa.

No livro de Kremer é possível identificar que desde a chegada dos imigrantes até os dias atuais, o município de Antônio Carlos contou com quarenta e duas instituições de ensino ativas. Historicamente, a maioria é advinda das escolas paroquiais e comunitárias. Com o tempo, foram sendo transformadas em escolas isoladas municipais e estaduais. Há indicativos de que antes de 1937 se tinha tanto o ensino de língua alemã como da portuguesa.

Hoje o município conta com dez instituições de educação, sendo quatro com somente anos iniciais do Ensino Fundamental, duas com anos iniciais e Educação Infantil, duas de Educação-Infantil somente, uma creche e uma unidade que oferece anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Somente esta última é do sistema administrado pelo governo Estadual, todas as outras são municipais.

É possível perceber que o número de instituições diminuiu, sendo que isso se deve ao fechamento de muitas escolas isoladas que ficavam nos interiores do município. Algumas

devido ao êxodo rural e ao controle de natalidade, diminuindo o número de alunos. E algumas ainda foram sendo ampliadas, tornando-se núcleos de ensino, não havendo a necessidade de outras escolas (KREMER, 2010). Mas aqui não focarei neste assunto, apenas é destacado para entender a sua formação atual. O foco se centra nas escolas ativas no período de 1937 a 1945.

Voltando aos estudos sobre o período em tela, Santos (2013) pontua que os alunos que frequentavam a escola na época eram de idades diferentes, porém todos atendidos no mesmo tempo e espaço. Esse fenômeno ficou conhecido como escolas multisseriada, em que a professora tinha que encontrar estratégias para dar conta de ensinar a todos os alunos ao mesmo tempo. Parece algo difícil de fazer, mas as professoras conseguiam, dessa forma, transmitir conhecimentos para os alunos. Se isso é um fato antigo? Poderia ser, porém hoje, ainda são encontradas essas escolas, mas em número muito reduzido.

Na época, por falta de recursos econômicos, a escola era um lugar simples e podia ser acoplada a uma residência familiar (SANTOS, 2013); no caso relatado pelo entrevistado Zimmermann, era a própria casa da professora:

Como era a escola?

Zimmermann- era longe, era bem simples e de madeira, tinha uma sala de aula, tinha outra parte atrás que era uma cozinha e mais quarto também, era uma casa de morada. A professora morava lá dentro até. Onde tinha aula era uma sala, era no mesmo prédio.

Com base nas palavras de Leonídio, identifica-se que a escola era um local pequeno, com apenas uma sala de aula e afastado de sua casa. Além disso, a professora morava na mesma edificação. E isso fazia com que ela tivesse que dar aula, todavia ainda fazia as suas tarefas do lar. Em outro depoimento, ele conta que em alguns momentos a professora ia fazer comida, e enquanto ela estava em outro cômodo. Então um aluno era escolhido para “tomar conta” dos outros, nos remetendo à disciplina que todos deveriam ter não só quando a professora estava em sala, mas também na sua ausência. Em relação ao interior da sala de aula, o casal recontou suas memórias:

Leonídio: As carteiras eram simples, de madeira tudo, elas tinham um declinado com uma covazinha para colocar um tinteiro, às vezes tinha uma abertura pra colocar as coisas dentro. Não era muito grande, mas cabia mais de uma pessoa. Tinha um quadro, onde a professora passava certas matérias.

FRIDA: As carteiras eram grandes e cabiam pelo menos três alunos. Mas, os meninos eram separados das meninas, tinha uma fileira de meninos um corredor central e outra fileira de meninas.



Figura 5 – Carteiras escolares do Museu da Escola Catarinense

Fonte: SANTOS (2014) - Exposição Cadernos escolares: por uma etno-história da educação – X ANPEd SUL

Tendo por base as falas e a imagem do mobiliário que localizei, focaliza-se que os alunos sentavam em duplas ou até mesmo trios. Mas com o tempo isso foi mudando e cada vez mais o aluno foi se sentando individualmente, em seu “quadrado”. Além disso, um aspecto que não foi descrito, é a posição que o professor tinha na sala de aula, geralmente um lugar estratégico e de destaque, onde tinha a possibilidade do controle sobre seus alunos. Ou seja, geralmente ele era o centro, num momento histórico em que as concepções pedagógicas não valorizavam tanto as condições dos alunos como centrais no processo ensino-aprendizagem. Isto se filia a uma forma de educação conhecida como tradicional, onde, conforme as ideias de Freire (2013) trazem características de uma educação com a “presença de elementos como rigidez, imposição, individualidade, moldagem” (FREIRE, 2013, p. 47). Hoje essa posição não mudou muito: continuamos a ver salas cheias de carteiras e com uma mesa, geralmente na frente, que é ocupada pelo professor. Porém, como foi estudado ao longo do curso de pedagogia foi possível compreender que algumas concepções acerca do ensino-aprendizagem tiveram alterações, principalmente na forma de perceber o aluno na sala de aula.

Uma diferença visível entre os dois depoimentos foi que na escola de Frida ainda se tinha o ensino do idioma em alemão: “A professora ensinava em brasileiro e alemão, mas eu não aprendia o alemão, era diferente do que eu falava, era difícil. Lá (escola) eu aprendi a falar e escrever o português também” (FRIDA PAULI MANNES, set/2014). Isto se deu, provavelmente, no ano de 1935. As falas de Frida nos remetem a uma escola com traços germânicos ainda presentes. Porém, já com a existência de elementos de assimilação da cultura nacional, principalmente voltados para a língua pátria do Brasil o português. Já cinco anos mais tarde, portanto em 1940, segundo as memórias de escola do Senhor Leonídio, não se tinha mais este ambiente, pois as lições eram somente em português. E todos deveriam se

adaptar para aprender o idioma nacional. Nas suas lembranças ainda é possível identificar a entrada da disciplina de história, isso nos remete ao currículo que foi implantado na época da nacionalização. Conforme Zimmermann, “nas duas primeiras séries tinha matérias somente voltadas a matemática, leitura e escrita, além de caligrafia. Eu era bom em tabuada. Ela (professora) passava as tarefas no quadro, e depois copiava, perguntas também de história, mas isso começou mais depois, com um estudo mais alto.”

Como foi visto com os autores citados anteriormente, com a implementação do Estado Novo e com os preceitos ideológicos de Vargas sobre educação e o ensino, as professoras não poderiam mais ser de nacionalidades estrangeiras, deveriam ser “brasileiras”. Havia um momento em que as escolas com influência germânicas deveriam ser fechadas ou transformadas em escolas de ensino público e atender, em seus currículos, as normas governamentais de então. Em Antônio Carlos, como em outras localidades advindas de colonização com migrantes europeus, não foi fácil a incorporação deste novo ideal, principalmente pela questão da linguagem. Conforme Kremer, tanto professores, como alunos tinham dificuldades de se comunicar: “tinha uma sala cheia de alunos e apenas um sabia falar a língua portuguesa” (KREMER, 2010, p. 28). Ele ainda nos aponta que geralmente, a professora explicava os conteúdos para o aluno falante de português e este os repassava em alemão para seus colegas de classe. Eis uma das estratégias que fez com que algumas escolas continuassem atuantes.

Alguns fatos ocorridos durante o processo de nacionalismo marcaram a vida dos imigrantes e seus descendentes.

Com a proibição da língua, teve perseguição?

Leonídio: Sim meu pai contava. Na minha época já não. Foram muito perseguido, eles pegavam guará, um tóxico e passavam de goela abaixo, xaropeava querosene. Muitos maus tratos que foram.

Sabe por que eles faziam isso?

Leonídio: Por causa da guerra na Alemanha, tinha o Hitler que era o presidente nazista e ele queria tomar conta do mundo. E daí o nosso governo Nereu Ramos e Getulio Vargas, não sabia onde pender, vai com os americanos ou com a Alemanha. Mas foi bom, ele escolheu o lado certo, foi a favor dos americanos e contra o Hitler, não por causa do alemão, mas porque ele era nazista. E aí o Hitler perdeu a guerra e a vingança foi contra os alemães, que culpa tinha os alemães? Só que alguns, o doutor Hotsmann, era o melhor cirurgião. Um dia a mulher do Nereu Ramos ficou doente, e os outros médicos portugueses não deram jeito, aí conversaram com o Doutor Hotsmann, ele disse eu curo ela se vocês me derem a liberdade. Então se curar ela vais ganhar a liberdade, aí ele curou a mulher, por que ele não se registrou como brasileiro, eu sou alemão. Ele sofreu muito, teve até que trabalhar com picareta, pensa um médico especialista ter que trabalhar no pesado.

A proibição da língua alemã afetou você ou sua família?

FRIDA: “Na rua não podia falar. [...] Mas com o tempo a gente perdeu um pouco da cultura, hoje só os mais velhos que sabem falar alemão, os novos não sabem mais.”

Como foi viver sem poder falar a sua língua materna nas ruas?

FRIDA: “Isso era perigoso, era proibido. Vinha gente lá de baixo pra ver como ia. Quem era pego ganhava castigo.” **Ela não lembrava qual o tipo de castigo.**

Com as falas de Leonídio e Frida fica em evidência que houve perseguições que ocorriam contra os imigrantes e seus descendentes. Isso se explica pelo fato, que já foi retratado, de se apregoar que havia um “perigo alemão” rondando, ou seja, se acreditava na época que esses indivíduos eram espiões da Alemanha e que poderiam ser aliados dos ideais de Hitler (REITZ, 1988).

Ainda se destaca a presença de pessoas que vinham fiscalizar as casas e as ruas. Outro ponto a se pensar é sobre a perda cultural que se teve na época. Em conversas informais em uma exposição de na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – X ANPED Sul, uma senhora contou que às vezes os alemães também eram chamados de “galegos” pelos brasileiros. Entendo que talvez essa denominação seja uma referência à aspectos do fenótipo como a coloração da pele e pelos olhos claros. E com base no meu próprio repertório cultural e familiar, bem como em conversa com o organizador da exposição, discutimos a ocorrência desta denominação às pessoas “louras” como própria da região de Florianópolis e entorno. Aquela senhora ainda reforçou que muito se perdeu naquela época: livros, documentos e fotografias. Ou seja, preciosos registros culturais. Além dos preconceitos que essa população identificada como estrangeira em território brasileiro sofria sob os olhares do governo inspirado pelas questões do nacionalismo em voga.

Em outra fala de Leonídio capta-se um prejulgamento da própria professora com relação aos seus alunos descendentes de alemães:

Mudou alguma coisa, quando foi proibido o alemão?

Sim. Muita, barbaridade, o alemão era até rejeitado. Eu sei quando eu fui na aula, eu não podia falar o alemão. Então a gente ficava assim meio acuado, mas eu logo aprendi. Só que um dia a professora fez “pouco” quase, zombou de uma criança que não sabia fala português. Tinha uma menina que não sabia nada, nada em português, aí fizeram pouco dela.

Ou seja, as memórias podem reforçar aspectos positivos da escola como outros mais prejudiciais à formação infantil. Isto é importante de ser lembrado quando se tem em mente atuar em uma escola como professor (a). Ainda destacando a escola como ferramenta do

nacionalismo, identifica-se a presença de alguns dos instrumentos ideológicos. A prática dos cantos cívicos e dos dias pátrios, onde se enaltecia o pertencimento a nação brasileira. Ou seja, rituais.

O senhor usava uniforme?

Leonídio: Tinha, tinha. o uniforme usava alguns dias não sempre.

Por que isso?

Certos dias comemorativos, dia da pátria. Nós cantava hino à bandeira e hino nacional e também primeira coisa de manhã era oração, rezava um “pai nosso” antes de começar a aula.

Já sobre os conteúdos que se aprendia na escola, identifica-se nas falas que os dois primeiros anos eram mais para aprender a ler, escrever e fazer contas. Só no terceiro ano que se começava a ter conteúdos relacionados a história, geografia e literatura do Brasil. Pelo pequeno tempo que ficaram na escola, parece que esses conteúdos ficaram pouco explícitos nas falas.

O que se estudava, o que aprendeu? Tinha livros, cadernos? Que matérias?

Leonídio: nas duas primeiras séries tinha matérias somente voltadas a matemática, leitura e escrita, além de caligrafia. Já depois se iniciava a história e outras disciplinas, mas em decorrência de minha saída da escola não sei dizer como eram essas outras disciplinas. “Eu era bom em tabuada”

Frida: eu não conseguia decorar, era tão difícil pra mim. Nós aprendíamos contas de subtração, divisão, soma e multiplicação. Aprendi a ler e a escrever. Dos outros conteúdos não lembro. A professora ensinava em brasileiro e alemão, mas eu não aprendia, era diferente do que eu falava, era difícil. Lá eu aprendi a falar e escrever o português também.

Assim é possível identificar, mesmo diante de poucos dados trazidos pelos entrevistados, aspectos do currículo da época. Talvez as memórias ouvidas sublinhem justamente disciplinas que foram intensificadas e preservadas por servirem aos objetivos da campanha de nacionalização. Assim, há concordância que minha análise traz com o que mostraram os estudos de Santos (2012) e Rambo (2003).

Esses conteúdos eram registrados nos cadernos ou como lembra Leonídio: “tinha também um lousa, onde a gente escrevia e apagava, isso a gente escrevia não era a caneta era tipo um lápis. E era comprado pelos pais.” Ou seja, quadros negros com molduras de madeira, onde se podia escrever com um tipo de lápis e após dava para ser apagado. Na imagem abaixo, recolhida na exposição da X ANPEd SUL, foi possível identificar o material e coletar dados a respeito. Segundo Santos (2013 p. 851), este tipo de elemento era comum, muito mais do que o papel que era mais raro e também mais caro. Outros depoentes em entrevistas

ouvidos por pesquisadores lembraram-se deste artefato escolar característico. Abaixo segue um dos depoimentos recolhidos por Santos (2013) que dialogam com o que Leonídio nos recorda sobre o material escolar, se percebe na fala que esse material era geralmente utilizado no primeiro ano de escolarização, após já podia se ver a presença do caderno.

Edeltraut: No início não tinha caderno, eram tipo de um quadro.

Vocês não usavam caderno?

Adele: É, como se diz em alemão... Tafel.

Uma lousa assim! Uma pedra assim!

Adele: É!

Edeltraut: Exato.

E aí naquilo escrevia? Depois apagava assim, como era?

Adele: Apagava.

Escrevia com o quê? Com carvão?

Adele: Com o lápis! Eu não sei de que era esse lápis.

Edeltraut: Lápis especializado pra escrever.

Adele: É!

Certo. Então na época da tia Adele era com essa lousa.

Adele: Mas só acho que no 1º ano só, depois nós também já tínhamos caderno! (SANTOS, 2013, p. 852)



Figura 6 - Quadro de pedra utilizado pelos alunos para registro, conhecido pelos alemães como Tafel.
Fonte: Arquivo pessoal de Norberto Dallabrida, em imagem colhida na exposição dos cadernos escolares na ANPED SUL/ 2014, Florianópolis - SC.

Ainda sobre o material escolar, os dois depoimentos nos colocam que em sua maioria era comprado ou feito em casa, geralmente de modo simples. Leonídio ainda destaca que possuía

Livro e cadernos, caderno de caligrafia, história um pouco, um caderno de **borrom** que a gente fazia, comprava folha de papel e fazia os caderno em casa. Caderno de fazer contas e tinha também uma lousa, onde a gente escrevia e apagava, isso a gente escrevia não era a caneta era tipo um lápis. E era comprado pelos pais. (sic) (grifo meu)

Cabe aqui destacar elementos da pronúncia dos descendentes de imigrantes alemães, ou seja, uma questão linguística que é um traço constitutivo. Veja-se a dificuldade em pronunciar o termo “borrão”, por exemplo.

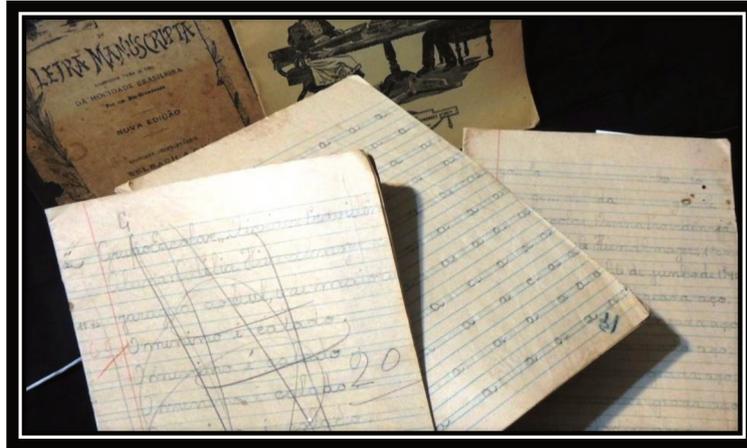


Figura 7 – Importância da escrita: os cadernos de caligrafia
 Fonte: Arquivo pessoal de Ademir Valdir dos Santos
 Fotografia: João Dimas Nazário (2014)

Por sua vez, na figura 7 se mostra alguns cadernos de caligrafia do arquivo pessoal de Santos, organizador da exposição já citada. A ilustração se refere a um dos exemplos de material para aprendizagem e exercício da escrita, citado por Leonídio e Frida, muito utilizado na escola da época. Retrata possíveis aspectos da pedagogia tradicional, com evidência a repetição e a memorização como métodos de aprendizagens. Aspectos estes que até hoje são verificados na realidade escolar do Ensino Fundamental.

Houve mudanças em relação aos métodos de ensino, mas alguns aspectos do passado continuam presentes na sala de aula, conforme evidencia a presença de cadernos de caligrafia nas prateleiras de papelarias e de outros negócios que comercializam este tipo de material, que em alguns casos continua compondo na lista de material escolar solicitado pelas escolas para atender as crianças, sobretudo aquelas dos anos iniciais e que estão em processo de alfabetização. Afinal, eis uma das finalidades da caligrafia; escrever bonito, de forma legível. Enfim, uma forma também de disciplinar. Note-se na fotografia que há um manual destinado ao ensino e orientação de práticas caligráficas.

Foi aparente nos depoimentos que o tempo de permanência na escola era pouco. Sobre esse aspecto, percebe-se no texto de Kremer (2010), que o mesmo era reduzido. Isso se deve,

em boa parte, à importância e necessidade do trabalho: *“Eu não podia estudar, pois não tinha condições. Tinha que ajudar meu pai, muer cana, plantar arroz. Nós não tinha dinheiro para continuar. Era caro. Outra escola era muito longe, era só em Biguaçu.”* (FRIDA PAULI MANNES, set/2014).

[...] deve ser... ela (a comunidade) construiu isso. Para ter um pouco de escola para os filhos, sabe como é... Os filhos nascem e crescem e não têm escola. Daí quem fez o serviço foi Carlos Kuhl, Carlos Kuhl era o nome dele. Ele também fez aqui o primeiro pastoral, onde era um dois andar aqui na frente, onde fica [a rua] Anita Garibaldi. Lá era uma moradia do pastor, mas era bem outra casa, era dó um andar e era uma casa muito bonita. Essa também o Carlos Kuhl fez. Então eu acho que lá, acho que era uma sociedade escolar. Para mim era isso, mas particular (SANTOS, 2011, p. 112).

Este depoimento acima citado é de Willy Fruchting, um dos entrevistados nos estudos de Santos sobre a memória dos velhos em relação ao tempo de escola e infância. Trago o mesmo para dialogar com a fala da Dona Frida sobre certa contradição em relação à permanência na escola e à sua necessidade para a criança e o seu trajeto no ambiente social. Pois, nas palavras de Willy é possível identificar que se tinha a ideia de que a escola era importante, porém de outro lado a família precisava do apoio do trabalho infantil. Justifica-se por meio do alto índice de natalidade, já que quanto mais filhos, mais mão de obra para o trabalho (cf. SANTOS, 2013, p. 848). Ainda conforme a fala de Frida, é possível identificar que, além de ter que trabalhar com sua família, o avanço da escolaridade se tornava difícil, pois as escolas eram muito distantes e as famílias não tinham condições de manter um filho em outro local. Havia dificuldades de deslocamento, entre outras, mas o essencial era a necessidade do trabalho infantil compondo no ambiente laboral da pequena propriedade rural, por exemplo.

4.2.2 Aspectos da identidade e da infância

Em um paralelo entre os estudos de Santos (2013) e os depoimentos colhidos nesta pesquisa é notável uma semelhança nas falas quanto a questões relacionadas ao gênero. Ou seja, já na infância havia divisões de sexo tanto nas tarefas de casa como em ambiente escolares. *“A menina ficava mais em casa, pra ajudar a mães nos serviços, mas também tinha que ir pra roça, e trabalhar muito. Os meninos também ajudavam, mas era mais junto com o pai”* (FRIDA PAULI MANNES, set/2014).

Já Leonídio conta que a professora não deixava os meninos brincarem com as meninas, *“eu gostava de brincar com as meninas. Ai a professora gritava comigo: Leonídio passa pra cá. (risos)”* (LEONÍDIO ZIMMERMANN, out/2014). É bom lembrar que a bandeira da

chamada “co-educação” era um dos anseios do modelo da Escola Nova, que clamava pela educação para todos, incluindo os contingentes de meninas. Na história da educação brasileira, as escolas eram entendidas como destino mais apropriado para os indivíduos do sexo masculino (NICARETA; SANTOS, 2011).

Em relação às brincadeiras, fica manifestado nas falas que havia pouco tempo para se brincar, o mais importante era o trabalho e as atividades da escola. Ainda concordamos com o que já foi explicitado por Rambo (2003), que a natureza estava mais presente no ato de brincar dessas crianças que moravam mais no interior. Isto é perceptível na fala de Frida e Leonídio. Ele, por sinal, nos aponta também que o encontro dos jovens também se dava após as missas de domingos, sendo que também esse era basicamente o tempo que tinham reservado para conversas e brincadeiras.

Leonídio: Aos domingos a gente ia pra igreja e depois de tarde a gente se ajuntava com os vizinhos, e a gurizada brincava.

Como eram as brincadeiras?

Brincava de bola, jogar de esconder, um se escondia e o outro ia procurar pra achar.

Brincava de roda e cantigas?

É, às vezes, não lembro das cantigas.

Frida: Nós brincava nos pé de goiaba, corria um atrás do outro. Brincava de roda. Cantavam? “sim” Sabe a alguma musica? “bem antiga” Ela começa a cantar: “atirei o pau no gato, to, to. Mas o gato, to, to não morreu.” Risos. Essa cantava bastante.

O senhor Bartolomeu também contou como era o brincar de sua época:

Nós brincava, mas não era igual hoje. As meninas nem usava calcinha e os meninos usavam um tipo de vestido, mas ninguém ligava, tomava banho de rio todo mundo junto. Descia o morro de carriola (cascalho de uma planta, conhecida como palmeira)

Nesta última fala, do Senhor Bartolomeu, marido de dona Frida, fica aparente que nas brincadeiras fora de escola a divisão de gênero não era tão cobrada. E que havia liberdade para brincarem em espaços mais amplos. Diferentemente de hoje, onde pelas ameaças de violência presentes na sociedade, por exemplo, as crianças acabam ficando sob vigilância em ambientes mais restritos, tornando muitas vezes a escola quase que como um espaço único e privilegiado para brincar. Sob uma perspectiva analítica e apoiada nas memórias, não afirmo veementemente que antes era melhor que hoje, o que implicaria saudosismo. Mas revela-se que as condições do brincar sofreram alterações com o tempo.

Sobre essa questão de gênero, trago como contribuição o texto de Nicareta e Santos (2011), no qual se indica que a imagem da menina e do menino reproduzidas socialmente e

com base no que consta na literatura infantil escolar é mostrada na imagética dos livros didáticos como de tendência a perpetuar papéis sociais destinados a meninos e meninas, circunscritos, dominantes em cada época, legitimados e desejados de acordo com critérios morais e formativos rígidos. Isso se evidencia nas lembranças e também nos escritos sobre o vivido nos anos 1930 e 1940.

É necessário ainda, num país de tantas influências religiosas que persistem e são vigorosas, apontar o quanto tal religiosidade se fez presente nos depoimentos de ambos os entrevistados. Marca da educação brasileira bem delineada na historiografia (RAMBO, 2003).

Como era educação?

Leonidio: A educação era boa. A gente era ensinado a rezar, ler a bíblia e aos domingos em primeiro lugar ir na igreja. Que hoje já não é mais assim, mas naquele tempo, em primeiro lugar era ir na igreja.

Frida: em casa a gente rezava muito, os pais sempre rezavam. Sempre ia na missa também e ninguém podia comer sem antes fazer uma oração.

Essas falas mostram que o aspecto religioso era central na vida das pessoas, principalmente dos imigrantes, sendo que em meio à população de Antônio Carlos contribuíram nos investimentos para a construção de capelas e igrejas, bem como constituem parte do acervo central de memórias individuais e coletivas. Ainda hoje esse aspecto, o ir na missa ou na igreja é destacado como uma das tradições culturais das famílias antoniocarlenses.



Figura 8-9 e 10 – Aspectos da casa de um descendente de imigrante antoniocarlense
Fonte: Arquivo pessoal Luana Kremer

Conforme o que já foi dito por Rambo (2003), a casa para o imigrante e seu descendente era como um santuário, onde ocorriam grandes fatos da vida dos mesmos. Nas imagens acima é possível perceber um lugar rico em detalhes arquitetônicos e de base étnico-cultural, trazidos e preservados com os imigrantes. Por exemplo, no externo da casa se percebe a presença dos jardins, onde as crianças podiam brincar, além da fachada com características típicas. Além disso, é possível identificar no interior da moradia vários retratos de familiares e quadros com escritos em alemão, o que nos leva a entender que apesar de certa proibição da cultura germânica, dentro dos lares continuou a prosperar a cultura e as tradições das famílias teutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados possibilitaram uma compreensão maior sobre a entrada dos imigrantes, principalmente alemães, no Brasil, mais precisamente em Antônio Carlos, Santa Catarina. Neste contexto, aponta-se para a construção e organização das instituições de ensino primário e aspectos sociais e culturais. Avaliaram-se também alguns impactos da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas para com as escolas e o ensino dos colonos estrangeiros em escolas comunitárias das regiões de fixação dos imigrantes e seus descendentes.

Ao encontro, buscou-se configurar alguns elos entre imigração e nacionalização no município de Antônio Carlos - SC. E foi com base nos depoimentos colhidos que se elaboraram relações e aproximações com o contexto histórico vividos pela população imigrante, entre os anos de 1937 a 1945. Ou seja, durante o auge da busca de implementação dos ideais nacionalistas.

Foi possível identificar que o principal intuito da imigração que se instalou na região Sul teve como principal meta o povoamento, destacando-se nesta pesquisa a imigração dos alemães e sua ação no contexto educacional, com base no processo histórico de instituição da escola e trazendo alguns elementos de sua configuração no plano cultural, sobretudo aqueles rememorados em entrevistas com idosos que tiveram trajetória de escolarização em escolas catarinenses daquele espaço geográfico. Em suas bagagens, esses imigrantes trouxeram um pouco de sua terra natal, principalmente a linguagem. Para manter viva as suas tradições, elegeram a escola como um dos caminhos para tal efetivação, procurando cultivar elementos da cultura para futuras gerações.

Porém fica evidente que a nacionalização teve forte impacto para com essas escolas e para a vida dos imigrantes que aqui se instalaram, principalmente no período correspondente à Segunda Guerra Mundial. Ali ocorrendo perseguições e proibições para quem falava o idioma estrangeiro, entre outras medidas de controle e punitivas. Diversas escolas não conseguiram manter o padrão didático-pedagógico estabelecido pelo Governo, pois o mesmo classificou esta instituição social como um centro de formação que deveria ser usado para construir uma nação homogênea, sem interferência de estrangeiros e de suas componentes étnico-culturais que a escola “estrangeira” transplantou para Santa Catarina, reproduziu e preservou. Dessa forma, diversas escolas comunitárias acabaram fechando suas portas, outras se transformaram em escolas de ensino público e voltadas ao uso e aprendizagem da língua portuguesa, evidenciando ainda o ensino de conteúdos relacionados à pátria brasileira.

No município de Antônio Carlos essas interferências também ficaram evidentes nos depoimentos dos entrevistados. Porém, foi possível perceber que segundo eles, na infância não foi muito forte a repressão como em outros lugares. E isso talvez se deva ao fato de estarem em uma região mais isolada e não terem contatos tão intensos com outras pessoas que falavam e eram “brasileiras”, o que propiciaria a mútua aculturação (cf. WILLEMS, 1980). Assim, eles continuavam a falar e conviver, quase que “normalmente” com a língua alemã. Neste sentido, as falas dos velhos, em suas memórias de infância e de tempos de escola, vão em certa medida ao encontro do que indicaram outros estudos referenciados. Desta forma, “muitas cidades do interior catarinense investem na conservação de uma imagem de semelhança a regiões europeias de onde partiram os pioneiros imigrantes alemães.”(SANTOS, 2013, p. 868).

Assim, fica evidente que hoje se tenta buscar o que foi parcialmente perdido, ou seja, trazer para o presente, elementos que foram constituintes para a construção da identidade do município de Antônio Carlos e de sua população, mesmo que sob uma perspectiva de folclorização. Já que se pretende, devido a finalidades econômicas e culturais, salientar as influências desses imigrantes, tanto na sociedade como na escola, ficaram evidentes dos locais de colonização estrangeira.

Enfim, é importante estudar o passado para trazer à tona elementos que possam ser pensados para a qualidade da educação e para que não sejam esquecidos. Ao lado disso, finalizo reafirmando da importância da preservação de memórias individuais e coletivas, que estão diretamente vinculadas ao processo histórico de construção e preservação dos processos de institucionalização da escola. E, nesse cenário, entendo que isso significou não apenas atender a elementos de ordem emocional e afetiva, mas contribuiu na minha formação como pedagoga.

FONTES

Arquivo pessoal Ademir Valdir dos Santos

Arquivo pessoal Leonídio Zimmermann

Arquivo pessoal Luana Kremer

Arquivo pessoal Bartolomeu Mannes e Frida Pauli Mannes

SANTOS, A.V. Exposição Cadernos escolares: por uma etno-história da educação – X ANPEd SUL (2014).

Mapa de localização geográfica. Disponível em <<http://e-ipol.org/tag/hunsruckisch/>>. Acesso em 2 de outubro de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, José Francisco. **A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã : um olhar em São Pedro de Alcântara (1937-1945)**. Florianópolis, 2001. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. – São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **Instituições Escolares: por que e como pesquisar**. Campinas. SP. Editora: Alínea, 2009.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Loreucini. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CAPELATO, Maria H. R. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: Dulce Pandolfi (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 167-178.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

_____. (Org.) **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis/Tubarão-SC: Editora da UFSC / Editora da UNISUL, 2003. 258 p

FREIRE, Ana Paula.S. **O Embate entre a Educação Tradicional e a Educação Nova: Políticas e Práticas na Escola Primária de Santa Catarina (1911-1945)**. Florianópolis.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

KREMER, Rogério. **Entrando nas escolas de Antônio Carlos: 1830-2009.** –Antonio Carlos: Edição do autor, 2010.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio.** In: Revista Brasileira de Educação, São Leopoldo, n. 15, p. 159-176, 2000.

MUELLER, Helena Isabel; SANTOS, Ademir Valdir. **Nacionalismo e Cultura escolar no Governo Vargas: Faces da construção da brasilidade.** Cadernos de Historia da Educação-v8, n2 – 2009

NICARETA, Samara Elisana; SANTOS, Ademir Valdir dos. O livro didático na escola primária (1915-1969): uma perspectiva Histórica quanto ao gênero. In: Reunião anual da ANPEd, 34, 2011. Nata. **Anais...**, 2011. Cd-room

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo.** Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed .Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p

REITZ, Raulino. **Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetrarracial.** Florianópolis: Ed. Lunardelli/ Ed. Da UFSC, 1988.

RAMBO, Arthur Blásio. O teuto-brasileiro e sua identidade. In: FIORI, Neide Almeida (Org.). **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis, SC: Editora da UFSC; Tubarão: Editora da Unisul, 2003. p. 63-92.

SANTOS, Ademir Valdir. **Alemanha perdida? Escolarização de crianças em colônias de imigrantes alemães no sul do Brasil.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 31, n. 3, 841-874, set./dez. 2013.

_____. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa.** v.42 n.146 p.538-561 maio/ago. 2012

_____. Educação e fascismo no Brasil: a formação escolar da infância e o Estado Novo (1937-1945). **Revista Portuguesa de Educação,** v.25, n.1, p. 137-163, 2012.

_____. Educação e nacionalismo: configurando a escola primária catarinense na Era Vargas. **Revista Brasileira de Educação,** n.24, p. 83-112, set./dez.2010

_____. A inspeção Escolar e a campanha nacionalista: políticas e práticas na escola primária catarinense. **Revista Educação em Questão,** Natal, v. 33, n. 19, p.228-252, set./dez. 2008.

SEYFERTH, Giralda. Os Imigrantes e a Política de Nacionalização do Estado novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 199-228.

_____. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional.** Rio de Janeiro: MANA, v.3, n.1Apr. 1997, p.95 – 131.

XAVIER, Libânia Nacif. O Manifesto dos pioneiros da educação nova como divisor de águas na história da educação brasileira. In: XAVIER, Maria do Carmo, **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro, Editora FVG/FUMEC, 2004, p.21-38.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudos antropológicos dos alemães e seus descendentes**. São Paulo: Nacional, 1980.

APÊNDICE A - Entrevista: Frida Pauli Mannes

Realização: 05/09/2014

Nome: Frida Pauli Mannes, Bartolomeu Mannes

Data de nascimento: 1926/1925

Local onde passou a infância (descrição) e onde mora hoje?

FRIDA: “Eu passei minha infância no Rio Farias, com minha família e meus irmãos, eu era a mais velha deles. Depois casei e vim morar aqui no Rachadel.” Local onde vive até hoje.

Você sabe sobre a origem de sua família (de onde vieram seus antepassados)?

FRIDA: “Sim, meus bisavó vieram da Alemanha. Mas não sei direito o lugar.”

Qual o nome da escola?

FRIDA: “Não sei”.

Como foi a infância? O que o Sr./sra. Lembra de quando era criança em Antônio Carlos? E o que era correspondente ao tempo em que foi na escola? “se” foi à escola!

FRIDA: “Era muito difícil, mas foi boa, não era que nem hoje, antes tinha muito trabalho, mato e roça. A gente ia pra escola só pra aprender alguma coisa, a ler, fazer conta e escrever”.

Com orgulho diz: “Eu ainda sei ler e escrever”

Ainda aponta que: “ em casa a gente rezava muito, o pais sempre rezavam. Sempre ia na missa também e ninguém podia comer sem antes fazer uma oração”

Como eram as brincadeiras, tinha tempo para brincar ou o mais importante era trabalhar? E a educação que seus pais lhe dava (descrição)?

FRIDA: Nós brincava na nos pé de goiaba, corria um atrás do outro. Brincava de roda. Cantavam? “sim” Sabe a alguma musica? “bem antiga” Ela começa a cantar: “atirei o pau no gato, to, to. Mas o gato, to, to não morreu.” Risos. “Essa cantava bastante. A educação que meus pais me deram era rígida, sempre obedecíamos eles”.

Senhor Bartolomeu conta que :

“Nós brincava, mas não era igual hoje. As meninas nem usava calcinha e os meninos usavam um tipo de vestido, mas ninguém ligava, tomava banho de rio todo mundo junto. Descia o morro de carriola (cascalho de uma planta, conhecida como palmeira)”

Mas sempre davam ênfase no trabalho como o centro.

“ mas nós quase não tinha tempo pra brincar, tinha que trabalhar muito” (FRIDA)

Como era a vida de uma menina da sua época, quais as funções que ela deveria ter?

FRIDA: “A menina ficava mais em casa, pra ajudar a mães nos serviços, mas também tinha que ir pra roça, e trabalhar muito. Os meninos também ajudavam, mas era mais junto com o pai.”

As brincadeiras eram diferentes das dos meninos? E a educação também tinha diferenças?

FRIDA: “Não. A gente brincava tudo junto”

Sobre a escola: Ficava perto ou longe?

FRIDA: “A escola não era muito longe não, tinha outras crianças que andavam muito mais. Eu ia de pé pela estrada.”

Como era a estrutura física da escola, tinha uma local específico ou não?

FRIDA: “A escola era uma casa de um cômodo, com duas janelas e uma porta, se localizava próximo a igreja. As carteiras eram grandes e cabiam pelo menos 3 alunos. Mas, os meninos eram separados das meninas, tinha uma fileira de meninos um corredor central e outra fileira de meninas.”

Estudou até que série?

FRIDA: “Estudei só a segunda série. Depois tive que sai pra ir pra roça.”

Lembra dos professores, como eles eram?

FRIDA: “Era braba, a professora Verônica Guessser, mas era muito respeitada e era uma boa professora”

Como era o seu material?

FRIDA: “Escrevia com lápis de pau, às vezes não escrevia e aí tinha que sacudir, também tinha caneta de tinta. Os cadernos eram ganhados”. **Só que ela não sabe quem pagava se era o governo ou não.** “Nós levava os caderno tudo dentro de um saco.”

E a merenda? Tinha?

FRIDA: “A comida trazia de casa um pão com xímia (tipo de musse para colocar no pão)”

Sobre os conteúdos escolares, lembra de algo?

Ela lembra que foi muito difícil, pois era muita decoração e isso era muito difícil,

FRIDA: “eu não conseguia decorar, era tão difícil pra mim”. Nós aprendia contas de subtração, divisão, soma e multiplicação. Aprendi a ler e a escrever. Dos outros conteúdos não lembro.” **Ela conta que:** “A professora ensinava em brasileiro e alemão,mas eu não aprendia, era diferente do que eu falava, era difícil. Lá eu aprendi a falar e escrever o português também.”

“a gente sempre tinha que rezar antes de entra e depois de sair da escola também”

Gostaria de ter continuado os estudos? Se sim, quais os motivos que o fizeram abandonar o contexto escolar?

FRIDA: “Eu não podia estudar, pois não tinha condições. Tinha que ajudar meu pai, muer cana, plantar arroz. Nós não tinha dinheiro para continuar. Era caro. Outra escola era muito longe, era só em Biguaçu.”

A proibição da língua alemã afetou você ou sua família?

FRIDA: “Na rua não podia falar. Em casa não, a gente sempre falava alemão, a gente não saia muito de casa quando pequeno, só pra ir na missa, nos vizinhos (estes também falavam alemão) e na escola. Mas com o tempo a gente perdeu um pouco da cultura, hoje só os mais velhos que sabem falar alemão, os novos não sabem mais.”

Como foi viver sem poder falar a sua língua materna nas ruas?

FRIDA: “Isso era perigoso, era proibido. Vinha gente lá de baixo pra ver como ia. Quem era pego ganhava castigo.” **Ela não lembrava qual o tipo de castigo.**

Possui algum documento relacionado ao seus antepassados ou seu tempo de infância?

FRIDA: “Tenho, algumas fotos.”

Na casa é possível perceber quadros com escritos em alemão e fotos antigas de seus antepassados pendurados na parede. Os escritos eles não sabiam o que estava escrito, já que não era o dialeto falado pelos mesmos. A pintura da casa também era muito interessante, rica em detalhes. “isso foi um alemão que pintou” Explica Senhor Bartolomeu

Em sua opinião, qual o significado da escola hoje? Ela é importante?

FRIDA: Sim, muito importante pra gente aprender as coisas, se não fosse a escola eu não sabia ler, nem escrever.

Comente algo que marcou a sua infância e que você carrega até hoje em sua memória.

FRIDA: “Trabalho, matar cobras, tinha muita cobra antigamente. Um dia eu tava perto de uma pedra ai tinha uma cobra, eu gritei –Paaiêê vem mata essa cobra”

Já Senhor Bartolomeu conta que:

“Quando era natal sempre vinha o menino Jesus lá em casa. Mas eu já tava desconfiado. Ela tinha um pano branco por cima, ai eu pegue escondido e puxei aquele pano, quando eu vi era minha irmã. Ai eu descobri que era mentira. Todo mundo viu. Eu lembro bem disso.”

Frida ainda completa: “ eu fiquei um pouco triste, porque era tão bonito ver o menino Jesus passar.”

E vocês ganhavam alguma coisa no natal ou na páscoa?

Frida: “ não, só fazia algumas bolachas no natal. Na páscoa a gente pintava ovo de galinha com uma tinta que a gente fazia. Ai a mãe escondia e nós procurava depois.”

Você acha que a sua infância e sua educação foi importante para você ser essa pessoa de hoje?

FRIDA: “Sim muito. Eu só sou o que sou hoje por causa dos meus pais” (fala com exaltação)

APÊNDICE B - Entrevista: Leonídio Zimmermann

Nome: Leonídio Zimmermann

Data de nascimento: 23/01/1929

Local onde passou a infância (descrição) e onde mora hoje?

Seu Leonídio Zimmermann, quando criança e uma parte de sua vida adulta viveu no Rio Farias, uma localidade no interior, a cerca de 14Km do centro da cidade de Antônio Carlos. Hoje com seus 83 anos vive e trabalha no município vizinho de Biguaçu.

“era bem rural, roças, pasto, lavoura em geral. A gente trabalhava na roça, tinha vacas leiteiras, fazia manteiga, desnatadeira, doce que tinha muita saída. A nossa manteiga tinha fama, ai a gente levava no mercado, casa comercial, onde a gente vendia essa manteiga. Agente trabalhava, fim do ano a gente tinha alguns porco por ali e natal era piru ” Ainda conforme suas palavras, as casas ficavam longe uma das outras, mas nem por isso as pessoas deixavam de se comunicar, ou seja apesar da distância todos se conheciam.

Você sabe sobre a origem de sua família (de onde vieram seus antepassados)?

“sim, mais ou menos, até o bisavô, mas eu não conhecia mais, o avô eu conheci. Meu bisavô veio da Alemanha. Meus bisavós paternos”

Frequentou a escola? Lembra quando foi? Que escola foi? Como era o nome da escola? Como ela era? O prédio, onde ficava, como era a sala de aula (aspectos físicos!!) Sobre a escola: Ficava perto ou longe (como era o percurso)

“Sim, dois anos, entre 1940 e 1941. A escola era ESCOLA ISOLADA RIO FARIAS. Sobre seus aspectos físicos, Zimmerman fala que a escola “era longe, era bem simples e de madeira, tinha uma sala de aula, tinha outra parte atrás que era uma cozinha e mais quarto também, era uma casa de morada”. “A professora morava lá dentro até. Onde tinha aula era uma sala, era no mesmo prédio” Ficava uns cinco quilômetros. ” **E esses cinco quilômetros?** “De pé, inverno e verão, eu ainda as vezes usava tamanco, a maioria deles (alunos) andava descalço, podia ter geada e eles andava no frio, no chão.”

Outras lembranças de QUEM estava na escola? Colegas, suas famílias, os professores, outras crianças?

Benvinda Hoffmann, Maria Hoffmann, Bertilde Hoffmann, Apolônia Petri, Leo Gorges, Anastácia Berns, Rainilde Berns, Oscar Mannes, MArcolinop Richartz, Paulo Richartz, Elza Gorges, Antonio Gorges. Sobre este ultimo, Zimmermann relata que o mesmo apanhava

muito, pois tinha que ajudar seu pai “ a descarregar bagaço ai chegava tarde na aula e não tinha os deveres feito. Eu tinha tanta pene dele que apanhava tanto.” Isso mostra que a professora usava de castigos físicos em seus alunos. Mas não tinha nenhum membro da sua própria família, no período que estudou, só posteriormente, “ela foi depois de mim”. Esses eram os colegas de Leonídio na escola, além da professora que lá também estava presente.

Depois, memórias dos SABERES/CURRÍCULO? O que se estudava, o que aprendeu? Tinha livros, cadernos? Que matérias?

Ele lembra que nas duas primeiras séries tinha matérias somente voltadas a matemática, leitura e escrita, além de caligrafia. Já depois se iniciava a historia e outras disciplinas, mas em decorrência de sua saída da escola ele não sabia dizer como eram essas outras disciplinas. “ Eu era bom em tabuada”. Ela passava as tarefas no quadro, e depois copiava, perguntas também de história, mas isso começou mais depois, com um estudo mais alto.

Como foi a infância? O que o Sr./sra. Lembra de quando era criança em Antônio Carlos? E o que era correspondente ao tempo em que foi na escola? “se” foi à escola!!!!

A gente ia na escola, a gente estudava, fazia os deveres e eu não fui muito sacrificado na roça, mas ia junto um pouco na roça ajudar, não muito. Em primeiro lugar era o estudo. Aos domingos a gente ia pra igreja e depois de tarde a gente se ajuntava com os vizinhos, e a gurizada brincava.

Como eram as brincadeiras, tinha tempo para brincar ou o mais importante era trabalhar? E a educação que seus pais lhe davam (descrição)?

Brincava de bola, jogar de esconder, um se escondia e o outro ia procurar pra achar.

Brincava de roda e cantigas?

É as vezes, não lembro das cantigas.

Como era a vida de uma menina da sua época, quais as funções que ela deveria ter?

Não, as tarefas não. Eu ajudava na cozinha, a minha mãe era doentinha e a minha irmã era mais nova do que eu então eu ajudava, matava galinha, preparava tudo. E assim por diante.

As brincadeiras eram diferentes das dos meninos? E a educação também tinha diferenças?

Sim, eu gostava de brincar com as meninas. Ai a professora gritava comigo: Leonídio passa pra cá. (risos)

Como era educação?

A educação era boa. A gente era ensinado a rezar, ler a bíblia e aos domingos em primeiro lugar ir na igreja. Que hoje já não é mais assim, mas naquele tempo, em primeiro lugar era ir na igreja.

Sobre os livros?

Não tinha uma biblioteca, mas cada um tinha o seu livro, que era comprado. Ela(professora) tinha uns livros também.

Sobre a escola: Ficava perto ou longe (como era o percurso)

A escola ficava a uns cinco quilômetros de distância de sua casa, o percurso era por uma estrada geral cercada por mato.

Como era a estrutura física da escola, tinha uma local específico ou não?

As carteiras era simples, de madeira tudo, elas tinham um declinado com uma covazinha para colocar um tinteiro, as vezes tinha uma abertura pra colocar as coisas dentro. Não era muito grande, mas cabia mais de uma pessoa. Tinha um quadro, onde a professora passava certas matarias, com perguntas que a gente copiava. Ela passava o trabalho do dia e os deveres, nos tinha que fazer conta lá no quadro.

Lembra dos professores, como eles eram?

Sobre a professora ele nos relata que teve somente uma, Maria Virginia Gomes Cardoso. “Ela era muito boa, mas era rigorosa, era um pouco brava demais. Aos risos Leonídio conta: “Ela tinha uma régua grande, e um dia ela quebrou essa régua na cabeça de um aluno. E nos doidos pra rir, mas ninguém tinha coragem, por que se não apanhava” em mim que ela tinha uma régua grande onde “dava” nos alunos que não seguiam corretamente as regras da escola. Mas naquele tempo ele nos conta que a professora era muito respeitada

O senhor usava uniforme?

Tinha, tinha. o uniforme usava alguns dias não sempre. Por que isso? Certo alguns dias comemorativos, dia da pátria. Nos cantava hino a bandeira e hino nacional e também primeira coisa de manha era oração, rezava um “pai nosso” antes de começar a aula.

Não tinha atividade física, era só quando a gente ia brincar.

Como era o seu material escolar?

Livro e cadernos, caderno de caligrafia, historia um pouco, um caderno de borrom que a gente fazia, comprava folha de papel e fazia os caderno em casa. Caderno de fazer contas e tinha tbm um lousa, onde a gente escrevia e apagava, isso a gente escrevia não era a caneta era tipo um lápis. E era comprado pelos pais.

Gostaria de ter continuado os estudos? Se sim, quais os motivos que o fizeram abandonar o contexto escolar?

Sim, porque amei o estudo. Depois eu não fui mais no 3º ano, porque meu pai tava sozinho e ficou doente ai eu sai da escola. Mas eu continuei a estudar em casa, eu tinha prazer de estudar. Houve mudança?

Mudou alguma coisa, quando foi proibido o alemão?

Sim. Muita, barbaridade, o alemão era ate rejeitado. Eu sei quando eu fui na aula, eu não podia falar o alemão. Então a gente ficava assim meio acuado, mas eu logo aprendi. Só que um dia a professora fez pouco quase, zombou de um criança que não sabia fala português. Tinha uma menina que não sabia nada, nada em português ai fizeram pouco dela.

Inspetores de ensino?

Tinha, o inspetor era de Biguaçu. Ele vinha lá ver as matérias, ver como que tava tudo. Então ele não passou trabalho lá.

Sobre o alemão?

Eu estudei um pouco de alemão em casa, minha mãe me ensinou e eu li em alemão e daí foi, mais tarde eu comecei a escrever.

A proibição da língua, teve perseguição?

Sim meu pai contava. Na minha época já não. Foram muito perseguido, eles pegava guará, um toxico e passava de guela abaixo, xaropeava querosene. Muitos maus tratos que foram.

Sabe porque eles faziam isso?

Por causa da guerra na Alemanha, tinha o Hitler que era o presidente nazista e ele queria tomar conta do mundo. E daí o nosso governo Nereu Ramos e Getulio Vargas, não sabia onde pender, vai com os americanos ou com a Alemanha. Mas foi bom, ele escolheu o lado certo, foi a favor dos americanos e contra o Hitler, não por causa do alemão, mas porque ele era nazista. E aí o Hitler perdeu a guerra e a vingança foi contra os alemães, que culpa tinha os alemães, só que alguns, o doutor Hotsmann, era o melhor cirurgião. Um dia a mulher do Nereu ramos ficou doente, e os outros médicos portugueses não deram jeito, aí conversaram com o Doutor Hotsmann, ele disse eu curo ela se vcs me derem a liberdade. Então se curar ela vais ganhar a liberdade, aí ele curou a mulher, por que ele não se registrou como brasileiro, eu sou alemão. Ele sofreu muito, teve ate que trabalhar com picareta, pensa um medico especialista ter que trabalhar no pesado.

Lá na sua rua podia falar normal?

Podia, não tinha perseguição. Pelo menos comigo, e o pai tbm não bem no interior assim. Mas eles só lá em casa na vieram, mas em muitos lugares, entraram nas casas, tirava tudo que era escrito em alemão, não podia ter quadro, santos, tirava tudo e botava fogo.

Possui algum documento relacionado ao seus antepassados ou seu tempo de infância?

Só uma foto do meu pai e da minha mãe na primeira comunhão, meu não.

Em sua opinião, qual o significado da escola hoje? Ela é importante?

Nas palavras de Leonídio é possível perceber que a escola é muito importante, além disso, ele declara que “as gente nova não fica mais sobre a roça. A vida na cidade é mais divertida, mais liberdade, aí não volta mais” Ele acredita que o governo deveria incentivar a “Isso é uma critica que eu faço pro governo, deveria ter criação de escolas agrícolas, para os alunos aprenderem também a valorizar a terra, pois hoje ninguém aprende nada sobre a roça.” Isso é algo que nos faz refletir sobre o que a importância das escolas do campo para a manutenção das pequenas propriedades agrícolas no Brasil, principalmente aqui em nosso Estado, onde é possível perceber a saída das pessoas do campo para buscar melhores condições nas cidades.

Eu valorizo muito o estudo. Até por causa do estudo eu vim morar pra biguaçu, sai lá em cima da minha terra natal. Hoje tenho 4 filhas que são professoras, valeu a pena.

Comente algo que marcou a sua infância e que você carrega até hoje em sua memória.

Alguma coisa quando a gente ia na escola(rsrsrsrs). Uma vez eu e um colega meu Osvaldo pauli, quando nós se despedimos, ele ia pro Rachadel e eu pro Faria de cima, jogamos uma luta lá, tinha um formigueiro, eu venci a luta e coloquei ele dentro do formigueiro, aí ele coçou coçou rsrsrsr. Era divertido, mas era um pouco levado demais.

Nós ia o caminho todo inticando com ele

Mas o pai brigava?

Não, não. O pai também era farrista

São coisa que a gente tão fácil não esquece

Você acha que a sua infância e sua educação foi importante para você ser essa pessoa de hoje?

Muito importante, muito importante. Ehhh se não não era assim, depois era a religião, o mais importante praticar a religião católica. Porque Deus é o básico de nossa vida, sem Deus as pessoas não respeitam mais o casamento, não respeita mais o sexo. Isso é um grave problema que temos hoje. A família esta se autodestruindo, com essa liberdade que tem. Esquecendo de Deus e da oração. Se mudar a minha idade mais agora como mudou da minha infância ate agora, onde vai parar o mundo. Como vai ser o mundo, a violência?